

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Repositório Institucional UENP

<https://repositorio.uenp.edu.br>

Programa de Pós-Graduação em Ensino

Dissertações

2021

Por uma Biblioteca Viva: uma proposta para o ensino da leitura

Sousa, Ana Carolina de

Universidade Estadual do Norte do Paraná

<https://repositorio.uenp.edu.br/handle/123456789/289>

Baixado de Repositório Institucional UENP



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
DO PARANÁ**

Campus Cornélio Procópio

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO**

ANA CAROLINA DE SOUSA

**POR UMA BIBLIOTECA VIVA:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA**

ANA CAROLINA DE SOUSA

**POR UMA BIBLIOTECA VIVA:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA**

Dissertação apresentada para defesa no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *Campus* Cornélio Procópio, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Marilúcia dos Santos Domingos Striquer.

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

SS725u Sousa, Ana Carolina de
 POR UMA BIBLIOTECA VIVA: UMA PROPOSTA PARA O
 ENSINO DA LEITURA / Ana Carolina de Sousa;
 orientadora Marilúcia dos Santos Domingos Striquer -
 Cornélio Procópio, 2021.
 89 p. :il.

 Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) -
 Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de
 Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós
 Graduação em Ensino, 2021.

 1. . I. Santos Domingos Striquer, Marilúcia dos,
 orient. II. Título.

ANA CAROLINA DE SOUSA

**POR UMA BIBLIOTECA VIVA:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *Campus* Cornélio Procópio, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino.

Após realização de Defesa Pública o trabalho foi considerado:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Marilúcia dos Santos Domingos Striquer
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Oliveira Duarte
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Profa. Dra. Letícia Jovelina Storto
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP

Cornélio Procópio, ____ de ____ de 2021.

Dedico este trabalho à minha filha, Luiza de Sousa D'Albuquerque, que, com seus olhinhos brilhantes e sorriso contagiante, trouxe mais coragem à minha vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus! Agradeço a Ele por exatamente tudo... Tudo que Ele moveu para que eu conseguisse chegar até aqui. Em cada dificuldade que eu encontrava pelo caminho eu sentia Deus colocando suas mãos em meus ombros e acalmando meu coração, me dizendo: não se preocupe, vai dar certo! Foram detalhes divinos que me fizeram alcançar um voo tão alto!

Agradeço à minha família. Sem eles, tudo se tornaria muito mais pesado. Minha mãe, que cuidou da minha filha como (ou melhor) do que eu cuidaria!

Meus irmãos, que entenderam minhas ausências e nunca deixaram de reforçar um potencial que nem mesmo eu acreditava ter.

Agradeço ao meu esposo pela companhia, parceria, compreensão e motivação.

Aos meus sogros por também terem cuidado da minha filha, em todos os momentos que precisei me ausentar para me dedicar a esse projeto.

Às minhas amigas que me socorreram diversas vezes com ajudas técnicas e operacionais de sistemas que eu não domino, mas que preciso. Cada uma sabe a sua contribuição! Em especial às queridas Flávia e Josiane, que assim como eu, acreditam que o conhecimento é para ser compartilhado.

Agradeço à professora Marilucia pela dedicação e seriedade na condução do nosso trabalho e à professora Roberta Negrão que, desde 2010, me incentiva a querer mais e não desistir pelo caminho! Gratidão às professoras Letícia Jovelina Storto e Patrícia Cristina de Oliveira Duarte pelas contribuições no exame de qualificação e banca para a defesa dessa dissertação. Foram apontamentos muito valiosos.

Agradeço também à Daniela, secretária do Programa de Pós-Graduação, que mais parece um anjo na vida dos mestrandos. Obrigada por ter me transmitido calma, confiança e tornar tudo mais prático.

SOUSA, Ana Carolina de. **Por uma biblioteca viva:** uma proposta para o ensino de leitura. 2021. 83p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2021.

RESUMO

A presente dissertação é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN), na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Com a intenção de promover que as bibliotecas possam ser um espaço de desenvolvimento da prática discursiva da leitura, desenvolvemos uma pesquisa-ação, visando responder a seguinte questão: De que forma a metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura pode contribuir, para que o orientador de atividades em biblioteca auxilie a criança no aprimoramento da compreensão leitora? Assim, o objetivo geral é elaborar uma proposta teórico-metodológica, destinada a orientadores de atividade, para o ensino de leitura de crianças de 10 a 12 anos de idade, atendidas em ambiente de biblioteca. A proposta ancora-se na metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura (SOLÉ, 1998; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA; MENEGASSI, 2018) e tem como eixo organizador o conto maravilhoso. Para que pudéssemos responder à pergunta orientadora elaboramos e implementamos uma proposta teórico-metodológica diagnóstica. Os participantes são cinco crianças que já apresentavam o hábito de frequentar a biblioteca, emprestar livros e participar de ações de promoção do leitor. Os resultados das análises sobre as respostas apresentadas pelos participantes demonstram que a metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura pode contribuir para que o orientador de atividades em biblioteca auxilie a criança no **desenvolvimento** da compreensão leitora. Nesse sentido, em busca de um **aprimoramento**, elaboramos uma nova proposta, a qual, sedimenta-se, então, como nosso Produto Educacional, estruturado em um Caderno didático.

Palavras-chave: Ensino de leitura. Perguntas de leitura. Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura. Leitura na biblioteca.

SOUSA, Ana Carolina de. **For a living library: a proposal for reading teaching**. 2021.83p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2021.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a research developed in the Graduate Program in Teaching (PPGEN), at the Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). With purpose that libraries can be a space for development of the discursive practice of reading, we developed an research-action, aiming to answer the question: How can the methodology of ordering and sequencing of reading questions contribute that the library activity advisor assists the child improving reading comprehension? So, the general objective is to elaborate a theoretical-methodological proposal, aimed at activity advisors, for the reading teaching of children from 10 to 12 years old, attend a library environment. The proposal is based in the methodology of ordering and sequencing of reading questions (SOLÉ, 1998; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA; MENEGASSI, 2018) and has organizing axis the wonderful tale. In order to answer the guiding question, we elaborated and implemented a diagnostic theoretical-methodological proposal. The participants were five children, who already had the habit of attending the library, lending books and participating in actions to promote the reader. The results of the analyses on the answers presented by the participants demonstrate that the methodology of ordering and sequencing of reading questions can help the library activity advisor assisting the child in improving reading comprehension. Therefore, in search of an improvement, we elaborated a new proposal, which is then established as our Educational Product, structured in a didactic notebook.

Keywords: Reading teaching. Reading questions. Ordering and sequencing of reading questions. Reading in the library.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Perguntas de primeiro nível	23
Figura 2 – Perguntas de segundo nível.....	24
Figura 3 – Perguntas de terceiro nível	24
Figura 4 – Ordenação das perguntas de leitura (durante a leitura)	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Versão inicial da resposta/texto.....	54
Tabela 2 – Versão final da resposta/texto	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Concepções de leitura.....	20
Quadro 2 - Ideias centrais do conto “Os onze cisnes da princesa”	29
Quadro 3 – Destaque das ideias centrais do conto “Os onze cisnes da princesa”	39
Quadro 4 – Parte 1: A situação inicial e a complicação	44
Quadro 5 – Parte 2: As ações que encaminham para a resolução do conflito	46
Quadro 6 – Parte 3: A resolução e a situação final	48
Quadro 7 – Respostas à primeira questão	58
Quadro 8 – Respostas à segunda questão	59
Quadro 9 – Respostas à terceira questão	59
Quadro 10 – Respostas à terceira questão	60
Quadro 11 – Respostas à quinta questão	61
Quadro 12 – Respostas à sexta questão	62
Quadro 13 – Respostas à sétima questão	63
Quadro 14 – Respostas à oitava questão	63
Quadro 15 – Respostas à nona questão	64
Quadro 16 – Respostas à décima questão	64
Quadro 17 – Respostas à décima primeira questão	66
Quadro 18 – Respostas à décima segunda questão.....	67
Quadro 19 – Respostas à décima terceira questão	67
Quadro 20 – Respostas à décima quarta questão	68
Quadro 21 – Respostas à décima quinta questão.....	68
Quadro 22 – Respostas à décima sexta questão.....	69
Quadro 23 – Respostas à décima sétima questão.....	70
Quadro 24 – Respostas à décima oitava questão.....	70
Quadro 25 – Respostas à décima nona questão	71
Quadro 26 – Respostas à vigésima questão.....	71
Quadro 27 – Respostas à vigésima primeira questão.....	72
Quadro 28 – Respostas à vigésima primeira questão.....	72
Quadro 29 – Respostas à vigésima terceira questão.....	73
Quadro 30 – Respostas à vigésima quarta questão.....	73
Quadro 31 – Respostas à vigésima quinta questão	74
Quadro 32 – Respostas à vigésima sexta questão	74

Quadro 33 – Respostas à vigésima sétima questão	74
Quadro 34 – Resultados obtidos na análise da atividade	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19	Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus)
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PPGEN	Programa de Pós-Graduação em Ensino
UENP	Universidade Estadual do Norte do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1	AS CONCEPÇÕES DE LEITURA E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO CONCEPÇÕES DE LEITURA E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO	19
2.2	A ELABORAÇÃO DE PERGUNTAS DE LEITURA.....	23
2.3	ORDENAÇÃO E SEQUENCIAÇÃO DE PERGUNTAS DE LEITURA.....	26
2.4	O CONTO MARAVILHOSO.....	29
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
3.1	A ABORDAGEM QUALITATIVA E A PESQUISA-AÇÃO	32
3.2	OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	34
3.3	PROCEDIMENTOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE	37
4	PROPOSTA DE LEITURA DIAGNÓSTICA	38
4.1	CADERNO DE ATIVIDADES	38
4.1.1	Primeiro Bloco: Perguntas Pré-Leitura.....	38
4.1.2	Segundo bloco: a leitura do conto e as perguntas durante a leitura	39
4.1.3	Terceiro bloco – após a leitura.....	55
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
	REFERÊNCIAS.....	82
	ANEXOS	84
	ANEXO I.....	85
	TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES	85
	ANEXO II TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE	87

1 INTRODUÇÃO

O incentivo à leitura está sempre em evidência na mídia televisiva, em projetos educacionais e sociais de secretarias de educação dos municípios, estados e do governo federal. Pedir que um indivíduo leia, apresentar dados que comprovam os benefícios da leitura é sim muito importante, mas isso não garante que a leitura entre em cena nas instituições de ensino e em suas extensões. Parafraseando Pennac (1993), o verbo ler e o modo imperativo não têm afinidades. Isso se reflete em resultados de pesquisas, como a intitulada Retratos de leitura no Brasil (2020¹), que revela um baixo índice de desempenho leitor dos brasileiros.

Em convergência, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), demonstrou que, em 2018, apenas metade dos estudantes brasileiros conseguiu identificar a ideia principal de um texto de média extensão, mesmo tendo recebido instruções explícitas (CERIONI, 2019). A referida pesquisa foi realizada com 10.691 estudantes brasileiros, na faixa etária entre 15 e 16 anos, em 638 escolas distribuídas em todo o território nacional.

Diante dessas questões e de nossa experiência profissional, nasceu a motivação para construir uma proposta teórico-metodológica, destinada a orientadores de atividades que atuam em biblioteca, para o trabalho com o desenvolvimento da prática discursiva de leitura a ser realizado com crianças de 10 a 12 anos de idade. Com formação em Pedagogia, concluída em dezembro de 2010, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) – *Campus* Cornélio Procopio, atuo² na área da educação desde 2010. Desses, oito anos foram em salas de aula de Educação Infantil (EI) e Ensino Fundamental (EF) – anos iniciais, mais precisamente com o trabalho de alfabetização no 1º ano. Nesses espaços, também tive a oportunidade de desenvolver trabalhos com leitura. No entanto, ao iniciar uma segunda graduação, em Letras, na mesma universidade, percebi o quanto necessário é para um professor que atua nos anos iniciais do EF ter uma formação que subsidie o trabalho com a leitura.

¹ BRASIL perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos, com queda puxada por mais ricos. **g1.globo.com**, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/09/11/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos-com-queda-puxada-por-mais-ricos.ghtml>. Acesso em: 27 de jan. de 2021.

² Quando apresento relato ou informações sobre aspectos particulares, utilizo a primeira pessoa do discurso no singular.

Isso tudo tomou uma proporção bem maior quando iniciei os estudos no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) da UENP – *Campus* Cornélio Procopio. No Mestrado, refletindo sobre minhas ações educativas, percebi que trabalhava ora com fragmentos de textos, ora com textos como pretextos para outras atividades, sobretudo, as de ensino da gramática da língua. Foram raros os momentos em que pesquisei por textos literários para serem o eixo organizador do processo de ensino e de aprendizagem da leitura. O foco das buscas era por textos com palavras de sílabas simples, e palavras cujas dificuldades ortográficas eram compatíveis com o ano escolar dos alunos. Não tenho recordação de ter levado para a sala de aula, por conta própria, textos de autores como, por exemplo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ricardo Azevedo³, tampouco trabalhado com diferentes gêneros textuais da esfera literária. É evidente que tenho consciência de que, naqueles momentos, era o que eu poderia fazer, dentro da formação e da concepção de leitura que tinha.

Após os referidos anos em sala de aula, em 2016, iniciei um trabalho como orientadora de atividades em uma biblioteca pública de uma cidade no norte do Estado do Paraná, e, desde então, exerço essa função. Essa biblioteca é mantida por um serviço social e tem como público-alvo os trabalhadores do comércio, empresários, microempresários e seus dependentes. No entanto, toda a sociedade civil pode usufruir das atividades que são ofertadas pela instituição – algumas de forma gratuita, outras com valores acessíveis. Tais atividades englobam ações na área da Cultura, Saúde e Lazer, todas pensando na qualidade de vida da comunidade. No nosso caso, a proposta se dá para a área cultural, tendo as bibliotecas da instituição como cenário.

A partir de 2015, a biblioteca em questão – junto às demais da mesma rede – teve seu formato de trabalho reformulado, passando a exigir profissionais formados em Letras ou Pedagogia como pré-requisito para a função de orientador de atividades. Um orientador de atividades é o responsável por realizar ações que promovam a formação do leitor frequentador da biblioteca, entre elas: leitura de livros infantis para crianças de até 6, 7 anos de idade; elaboração de momentos de discussões com alunos de Ensino Médio sobre obras literárias solicitadas nas provas vestibulares; organização de exposições literárias; controle de

³ Os autores citados figuram entre os preferidos do público infantil na biblioteca onde atuo como orientadora.

empréstimos de livros e gibis, mediante cadastro; abertura de espaço para escritores, pesquisadores e especialistas convidados ministrarem cursos; enfim, ações que envolvam a “clientela” (como são denominados os frequentadores da biblioteca).

Essa clientela abrange desde crianças de três anos de idade que, levadas pelos pais, leem livros figurativos, ouvem histórias e brincam com jogos pedagógicos, até pessoas da melhor idade que procuram por romances, livros de suspense e poesias. É um público formado por indivíduos que vão à biblioteca de forma espontânea (e, diga-se de passagem: são muito fiéis) ou mediante agendamento. Entre eles, alunos das escolas da rede pública e privada que são levados em acompanhamento pelos professores da Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio.

Logo, diante dos estudos realizados no PPGEN/UENP, principalmente na disciplina de Leitura, produção de texto e ensino, onde conheci a metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura (SOLÉ, 1998; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA; MENEGASSI, 2018) e ainda na disciplina de Literatura infanto-juvenil⁴, cursada como aluna externa no Mestrado Profissional em Letras, onde pude ampliar meus conhecimentos sobre o ensino da literatura infanto-juvenil; nasceu o seguinte questionamento: De que forma a metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura pode contribuir para que o orientador de atividades de biblioteca possa auxiliar crianças no aprimoramento da compreensão leitora?

Ao direcionarmos nosso olhar para a biblioteca, nossa intenção é colaborar para uma nova construção social, em que a biblioteca não seja vista como um lugar de empréstimo de livros, mas como um espaço significativo em que as crianças, também possam ter ali a oportunidade de desenvolvimento da prática discursiva da leitura.

Em decorrência de todas as questões, o objetivo geral é elaborar uma proposta teórico-metodológica, destinada a orientadores de atividade, para o ensino de leitura a ser realizado com crianças na faixa etária de 10 a 12 anos de idade, atendidas em ambiente de biblioteca. A proposta ancora-se na metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura (SOLÉ, 1998; FUZA;

⁴ Disciplina cursada, como aluna externa, no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) – *Campus* Cornélio Procopio.

MENEGASSI, 2017; FUZA; MENEGASSI, 2018), e como eixo organizador, definimos o conto maravilhoso, visto que o estudo de Sene (2019, p. 67) defende que os contos “[...] retratam problemáticas sociais tendo como fio condutor a relação entre classes econômicas e sociais”, tendo como temática organizadora: a inveja, o ciúme, a maldade, a coragem, a perseverança, o bullying, a curiosidade, a transgressão humana e suas consequências. Temas esses importantes de serem debatidos em todas as idades, mas, considerando que nosso trabalho é voltado a crianças de 10 a 12 anos, é importante compreender que nesse período o indivíduo está em transição entre a infância e a pré-adolescência.

Assim, é fundamental que debates possam ser encaminhados, a fim auxiliar a formação de cidadãos conscientes de seu compromisso, com o respeito à dignidade humana; com a luta para igualdade de direitos e inclusão das minorias etc. Além disso, esse gênero trabalha com seres fantásticos e sobrenaturais, o que encanta essa faixa etária, conforme experiência como orientadora de atividades de biblioteca. E ainda, nos respaldamos em Sene (2019, p. 65), para quem:

[...] o maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos componentes mais importantes da literatura destinada ao público infanto-juvenil. Fadas, bruxas, animais e objetos falantes, príncipes e princesas são elementos que historicamente seduzem leitores.

Para alcançar o objetivo geral: elaborar uma proposta teórico-metodológica, destinada a orientadores de atividade, para o ensino de leitura, de crianças de 10 a 12 anos de idade, atendidas em ambiente de biblioteca, outros objetivos mais específicos foram construídos:

a) Elaborar e implementar uma proposta de leitura/diagnóstica, destinada a crianças de 10 a 12 anos de idade frequentadoras de biblioteca;

b) Identificar a compreensão leitora alcançada pelos participantes;

Ao implementarmos e analisarmos a proposta diagnóstica é possível ter dados e instrumentos para aprimorar e transformá-la em uma proposta teórico-metodológica para o ensino de leitura, configurando-a em um Produto Educacional. Regulamenta o Mestrado Profissional em Ensino (PPGEN/UENP) que, ao participar do Programa, o aluno-pesquisador deve elaborar “[...] produtos e processos educacionais que possam ser utilizados por professores e outros profissionais envolvidos com o ensino”, conforme Capítulo II, do Regulamento do PPGEN-UENP.

Como mencionado, a proposta de leitura ancora-se na concepção na metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura, de Menegassi e Angelo (2010), Fuza e Menegassi (2017), Fuza e Menegassi (2018), construída a partir dos estudos de Solé (1998), Menegassi (1995). E a pesquisa tem caráter qualitativo configurando-se como pesquisa-ação, uma vez que, entre os outros aspectos que caracterizam esse tipo de pesquisa, o que trataremos com mais detalhamento na seção metodológica, partimos de um problema que nos envolve, enquanto pesquisadora/profissional que atua em biblioteca, elaboramos uma proposta de leitura, a fim de tanto auxiliar no aprimoramento de pares/outros orientadores de biblioteca quanto no desenvolvimento de crianças que frequentam o ambiente em questão.

Importante esclarecer que, após construída a proposta de leitura diagnóstica, com um cronograma de ações já organizado, o mundo foi surpreendido pela pandemia da Covid-19. Foram tomadas medidas de segurança para manter a população mundial em segurança, determinando-se assim, o isolamento social. Escolas, comércio, espaços de lazer e cultura, entre tantos outros locais precisaram frear seus atendimentos e somente serviços essenciais puderam continuar. Com isso, a biblioteca onde almejávamos realizar a implementação foi totalmente fechada. Os meses se passaram, e a situação em nada mudou infelizmente o que mudou foi que cada vez mais pessoas desapareciam do mundo, vítimas da Covid-19. Assim, para que pudéssemos cumprir a nossa formação, a única saída que encontramos foi realizar a implementação do diagnóstico de forma remota e assíncrona, elegendo um número reduzido de crianças como participantes, como detalharemos melhor na seção de procedimentos metodológicos.

Na sequência, explicitamos a organização desta dissertação: na seção 1, será apresentada a fundamentação teórica sobre concepções de leitura e as etapas que constituem o processo leitor. Nas subseções seguintes, as definições teóricas sobre perguntas de leitura, ordenação e sequenciação de perguntas de leitura e conto maravilhoso. Na seção 2, serão detalhados os procedimentos metodológicos: a definição teórica da pesquisa qualitativa, a conceituação para a pesquisa-ação, os participantes e o ambiente da pesquisa, os procedimentos e as categorias de análise. Na seção 3, está descrita a implementação da nossa Proposta de leitura diagnóstica. A seção seguinte, 4, contempla a análise da proposta de

leitura diagnóstica que foi implementada. Por fim, na seção 5 serão apresentadas as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao fundamentarmos nosso produto educacional na metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura, o fazemos diante de uma concepção interacionista, sobretudo, porque essa metodologia se acenta sobre tal conceito, por esse motivo, na seção 1.1 realizamos uma explanação das diferentes concepções de leitura que historicamente influenciaram (e influenciam) o processo de ensino e aprendizagem; na 1.2, expomos a teoria sobre a elaboração de perguntas de leitura; na 1.3 detalhamos a metodologia sobre ordenação e sequenciação de pergunta de leitura; em 1.4 explicitamos as definições de especialistas sobre o conto maravilhoso, eixo organizador de nossa proposta interventiva.

2.1 AS CONCEPÇÕES DE LEITURA E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO CONCEPÇÕES DE LEITURA E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO

Menegassi e Angelo (2010) realizam uma explanação sobre as diferentes concepções de leitura existentes e sobre as práticas pedagógicas para o ensino da leitura em sala de aula influenciadas por tais concepções. Conforme Solé (1998), é a concepção de leitura que o professor tem que encaminha suas ações didáticas. É sobre elas que discorreremos a seguir. Importante alertar que tais concepções não acontecem em uma ordem cronológica, porém as organizamos de modo que fique mais compreensível para o leitor.

A primeira perspectiva que trataremos aqui é a concepção de leitura com foco no autor. Nessa concepção o texto é uma projeção do pensamento do autor e não cabe ao leitor nenhuma interação a não ser ler o que o autor escreveu (MENEGASSI; ANGELO, 2010).

Em seguida, dentro da nossa organização para apresentação das concepções, temos a concepção de leitura pautada no texto, a qual, de acordo com Menegassi e Angelo (2010) tem como foco o processo de decodificação do código, a leitura se processa da seguinte forma: letra em letra, palavra por palavra, chegando à frase e ao texto. Nesse caso, a leitura não tem uma dimensão global, tampouco se preocupa com os aspectos implícitos que formam o sentido do texto. Os sentidos estão no texto e para extraí-los é preciso decodificar o que está escrito. O leitor, portanto, extrai as informações do texto.

Na prática de sala de aula, essa concepção, segundo Striquer (2007), dirige a elaboração de atividades, por exemplo, oferecidas por alguns materiais didáticos que solicitam ao aluno que consulte um dicionário para descobrir significados de palavras marcadas no texto pelo próprio material. O entendimento é de que todas as palavras são de grande importância para o processo leitor e, não compreender uma palavra pode prejudicar todo o processo. Outro exemplo é quando o material ou o professor solicita que o aluno leia em voz alta para avaliar a fluidez e entonação, no entendimento que ler é oralizar o código (STRICHER, 2007).

De acordo com Solé (1998), nessa perspectiva da leitura pautada no texto, a leitura se realiza sempre da mesma forma e para o mesmo fim, contudo, defende a autora, que o modo como se lê depende de muitos fatores, como do objetivo estabelecido pelo leitor, do gênero textual. Por exemplo, não se lê um poema da mesma forma que se lê um manual de instruções, o objetivo do leitor diante desses gêneros é diferente e específico. Soma-se a isso o fato de que as pessoas são carregadas de vivências individuais, portanto, podem agregar ao texto conhecimentos, não só extrair informações.

Uma outra concepção de leitura é a que se pauta no leitor, nela o leitor é colocado em foco e a ele é dada mais autonomia. Os conhecimentos prévios que o leitor tem a respeito do assunto em abordagem em um texto são importantes para o entendimento daquilo que ele lê; sua vivência e suas impressões auxiliam a atribuir significado aos textos (MENEGASSI; ANGELO, 2010).

Nessa perspectiva, no ensino da leitura, o leitor utiliza uma série de estratégias importantes para a construção dos sentidos do texto: seleção e predição, inferência, confirmação, autocorreção e verificação (SOLÉ, 1998). Ou seja, ele seleciona as informações que lhe convém, complementa as informações do texto com base no seu conhecimento, confirma hipóteses ou se autocorrige, pautado naquilo que já esperava da leitura e, por fim, verifica a importância daquela ação. Nesse sentido, há uma ampliação da perspectiva de leitura com foco no texto, uma vez que a compreensão é de que o leitor tanto extrai informações do texto quanto atribui conhecimentos/informações para a construção dos sentidos.

Já na perspectiva de leitura interacionista – pautada na interação autor-texto-leitor – conforme Menegassi e Angelo (2010), o sentido de um texto não está apenas no texto, nem no leitor, está na interação que ocorre entre o leitor e o autor que acontece por meio do texto. Nas palavras dos autores “A leitura também

consiste em uma prática social porque o sujeito leitor e o sujeito autor revelam na leitura marcas da individualidade e do lugar social de onde provêm” (MENEGASSI; ANGELO, 2010, p. 35).

Menegassi e Angelo (2010) também defendem que essa perspectiva traz muitas contribuições para o desenvolvimento de leitores competentes: a) primeiramente, o leitor constata que há a intenção do autor, depois reflete sobre essa intencionalidade e, por fim, a transforma de acordo com as suas necessidades e objetivos; b) a chave para abrir a compreensão textual são as inferências. Inferir significa prever, induzir, isto é, observar as pistas que o texto dá para compreender a sua mensagem; c) a língua em uso está a serviço do sujeito e de suas intenções; d) o leitor faz uso de vários níveis de conhecimento: lexical, sintático, enciclopédico etc.

No quadro 1, a seguir, apresentamos uma síntese das quatro concepções:

Quadro 1 – Concepções de leitura

Perspectiva com foco no autor	“[...] o texto é visto como um produto lógico do pensamento, como uma representação mental do autor que vai para o papel, nada mais cabendo ao leitor [...]” acrescentar aos sentidos do texto. Ou seja, o leitor não atribui suas vivências àquilo que lê. Apenas lê e conhece, por meio dessa leitura, o pensamento do autor. (MENEGASSI, 2010, p. 168).
Perspectiva com foco no texto	O leitor extrai os sentidos que estão no texto, prontos e acabados.
Perspectiva com foco no leitor	O leitor usa seus conhecimentos prévios para fazer previsões, inferências a respeito do tema do texto que irá ler; as antecipações bastam ao leitor para que ele entenda o sentido global do texto; o que o leitor entende é a verdade absoluta.
Perspectiva com foco na interação entre autor-texto-leitor	- “[...] nessa concepção, autor e leitor são sujeitos ativos que dialogam, que se constroem e são construídos no texto [...]” (MENEGASSI, 2010, p. 175).

Fonte: Adaptado de Menegassi (2010).

A concepção de leitura com foco na interação é, então, a que pode promover que os sujeitos se tornem leitores competentes, isto é, leitores que saibam interagir na sociedade por meio da leitura de textos; que chegam a etapa da interpretação, tornando-se sujeitos críticos e ativos. A respeito da importância da interpretação, recoremos aos estudos de Menegassi (1995) o qual apresenta, sustentado no aporte teórico da psicolinguística, as etapas que constituem o processamento da leitura.

Segundo Menegassi (1995), são quatro níveis de processamento da leitura: a decodificação, a compreensão, a interpretação e retenção. Nesse sentido, para que o leitor chegue ao nível da interpretação de um texto, ele passa pelos demais. Para o autor, a decodificação:

[...] resulta do reconhecimento dos símbolos escritos e da sua ligação com um significado. Isto ocorre automaticamente nos leitores maduros, ou que já têm uma vivência em leitura. Porém, o simples reconhecimento de letras e sua ligação com significados não implica em leitura (MENEGASSI, 1995, p. 86).

Assim, a decodificação é a primeira etapa do processo leitor, mas, de forma alguma, é menos importante. Esse nível ocorre sempre em dois aspectos: um primário, que está ligado à decodificação fonológica, isto é, ao reconhecimento do signo linguístico, do som resultante da junção de letras; e outro secundário, que inicia o processo de compreensão, quando um leitor decodifica uma palavra, entende o que ela significa e passa, assim, para a segunda etapa do processo.

Passar pelo nível da decodificação não significa, portanto, se centrar única e exclusivamente na extração de informações do texto, como opera a concepção de leitura pautada no texto. A decodificação, ressaltamos, é uma das etapas do processamento leitor, compreendido na perspectiva interacionista. A etapa inicial do processo. Quando o leitor reconheceu o código, entendeu seu significado, ele inicia o nível de compreensão.

De acordo com Menegassi (1995), são três subdivisões que ocorrem no nível da compreensão: a compreensão literal, a inferencial e a interpretativa. Na compreensão literal, ocorre uma leitura superficial do texto, sem que o leitor realize ainda muitas inferências; é na compreensão inferencial que o leitor capta informações que estão implícitas no texto e a elas entrelaça seus conhecimentos individuais, assim expandindo seus esquemas cognitivos; e na compreensão interpretativa, o leitor amplia seus conhecimentos e consegue confrontar os sentidos do texto com sua realidade pessoal e social. E se o leitor guardou, de forma significativa, aquilo que leu, ou seja, se aquela leitura trouxe sentidos para ele, para sua individualidade, significa que ele reteve o conteúdo. Assim, chega-se no nível da retenção, no qual o indivíduo é capaz de conversar sobre o texto lido, não de forma superficial, mas com propriedade.

A fim de que, exatamente, o leitor, e no caso, o leitor em desenvolvimento escolar, possa alcançar o nível interpretativo no processamento da leitura, é que alguns estudos, como os de Solé (1998), de Menegassi (2010), de Fuza e Menegassi (2017) e Fuza e Menegassi (2018) sugerem um encaminhamento metodológico para o ensino da leitura na escola. Metodologia que passamos a apresentar na próxima subseção, a qual é de fundamental importância nessa dissertação, visto que sustenta a elaboração de nossa proposta de leitura.

2.2 A ELABORAÇÃO DE PERGUNTAS DE LEITURA

Menegassi (2010) aponta que, frequentemente, a prática de leitura, em sala de aula, acontece da seguinte forma: 1º leitura coletiva e fragmentada de textos – cada aluno lê partes de um texto, em voz alta, enquanto o restante da turma o acompanha com leitura silenciosa; 2º oferecimento de perguntas sobre o que foi lido; 3º registro das respostas dos alunos, nos cadernos, nos livros didáticos ou em fichas, ou seja, há sempre um registro escrito para finalizar o processo da leitura e ser avaliado pelo professor. Essa prática está enraizada nas escolas. Contudo, para Solé (1998), embora essa dinâmica de avaliar a leitura seja importante, o problema é que muitas vezes não são os professores os elaboradores das perguntas; não são eles que diante da concepção de leitura que o docente tem, de seu contexto particular de sala de aula, de seu objetivo de ensino e aprendizagem que encaminham o trabalho. São os livros didáticos que já apresentam perguntas prontas.

Para Solé (1998) e Menegassi (2010) é importante que o professor saiba elaborar perguntas de leitura, e, dentro do contexto brasileiro onde o livro didático é obrigatório nas escolas, do professor saber, então, eleger as perguntas que podem atender ao que ele deseja, planeja, almeja. Assim, as perguntas de leitura passam a ser instrumentos mediadores do processo de ensino e aprendizagem; elas podem responder ao professor se o aluno teve ou não dificuldades para compreender e interpretar um texto.

Menegassi (2010) apresenta então, com base nos estudos de Solé (1998), uma classificação das perguntas a serem construídas, em decorrência de

uma visão interacionista: a) perguntas de resposta textual; b) perguntas de resposta inferencial; c) perguntas de resposta interpretativa.

As perguntas de resposta textual são aquelas “[...] que exigem do aluno a compreensão do seu enunciado e um trabalho efetivo de interação com o texto, para que a resposta seja produzida” (MENEGASSI, 2010, p. 179). Nesse tipo de pergunta, diferente do que acontece com as perguntas de extração – em que o aluno localiza e extrai trechos do texto para suas respostas – o leitor é levado a interagir com o texto. É nesse ato dialógico que a pergunta é respondida. Tratam-se de perguntas de primeiro nível, pois as respostas estão na superfície do texto, isto é, basta uma leitura para que o aluno as encontre. Contudo, apesar de serem facilmente encontradas no texto, não são de simples cópia. O aluno precisa formular uma resposta com base naquilo que leu.

Em um segundo nível, estão as perguntas de resposta inferencial, nas quais as respostas construídas pelo leitor não estão diretamente marcadas no texto. Dessa forma, é preciso que o aluno faça inferências e deduções a partir do que leu, e busque elementos que estão fora do texto propriamente dito para elaboração da resposta (MENEGASSI, 2010). Assim, inicia-se uma “compreensão extratextual”, conforme apresentam Fuza e Menegassi (2018).

Como forma de exemplificar essa classificação das perguntas em perguntas de resposta textual, inferencial e interpretativa, criamos uma metáfora: é como se o leitor estivesse entrando em uma piscina⁵. No primeiro nível, olha e molha os pés.

Figura 1 – Perguntas de primeiro nível

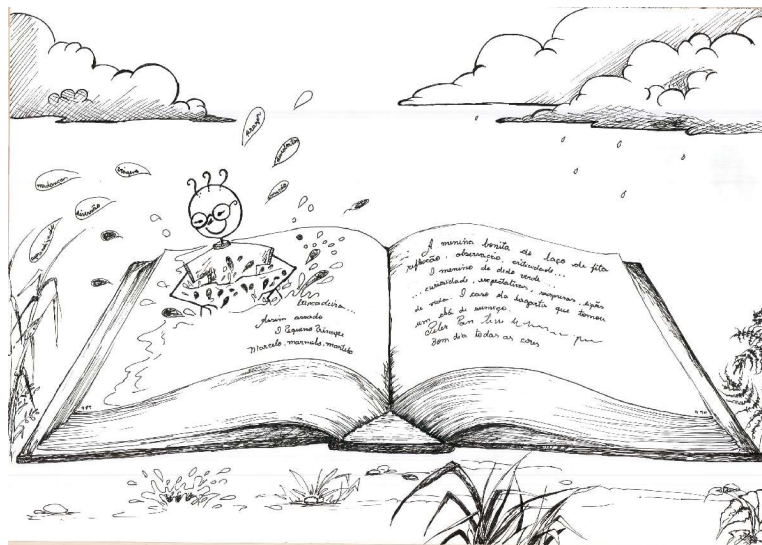


Fonte: DAMASCENO, Indianai Brasileira Ferreira, 2021.

⁵ Ilustrações criadas pela artista, exclusivamente para o uso neste trabalho.

No segundo nível, o leitor necessariamente deve entrar na piscina, mas para ter bom êxito e não se afogar, ele precisa saber no mínimo se manter na água, ou seja, precisa ativar aquilo que aprendeu a fazer.

Figura 2 – Perguntas de segundo nível



Fonte: DAMASCENO, Indianai Brasileira Ferreira, 2021.

É aí que vem o terceiro nível: para mergulhar, é preciso ter passado pelas duas etapas anteriores e, então, aproveitar a piscina de várias formas e por diferentes objetivos: se exercitar, se divertir etc.

Figura 3 – Perguntas de terceiro nível



Fonte: DAMASCENO, Indianai Brasileira Ferreira, 2021.

Da mesma maneira, para responder às perguntas de resposta interpretativa, o leitor precisa ter respondido as questões anteriores e estar preparado para “[...] atribuir sentido ao tema, caso contrário, ele poderá atribuir uma resposta de vale-tudo” (FUZA; MENEGASSI, 2018, p. 33).

As perguntas de resposta interpretativa não são, muitas vezes, encontradas no texto de forma explícita, pois são respostas idiossincráticas, singulares ao leitor. Segundo Fuza e Menegassi (2018, p. 33), “[...] A resposta é produzida a partir da elaboração pessoal do leitor, sobre os conhecimentos e as experiências de sua vida pessoal, criando uma interpretação textual própria”, porém, com amarras ao texto. O fato de ser uma resposta pessoal não significa que vale qualquer resposta, ela tem que estar relacionada com o tema trabalhado no texto.

Portanto, as perguntas pautadas no processo interacionista têm níveis de complexidade diferentes, uma pergunta é um requisito para que o aluno consiga responder outra a partir da anterior. Ou seja, gradativamente vai-se aumentando a compreensão do leitor sobre o texto, proporcionando que ele vá interagindo com o texto e construindo sentidos. Na medida em que as respostas são dadas, o aluno vai aumentando sua capacidade argumentativa. Assim, Menegassi (2010) chama a atenção para uma hierarquia imprescindível para um trabalho com perguntas de leitura. É esse o princípio da metodologia da ordenação e sequenciação de perguntas de leitura – base do Caderno didático. Na próxima seção, abordamos com mais especificidade a proposta metodológica de elaboração de perguntas de leitura em um processo de ordenação e sequenciação.

2.3 ORDENAÇÃO E SEQUENCIAÇÃO DE PERGUNTAS DE LEITURA

Fuza e Menegassi (2017, p. 278) afirmam que:

[...] a ordenação das perguntas permite que o leitor perpassasse o texto, atribua significados a ele até chegar a sentidos possíveis para aquilo que lê. Logo, a leitura realmente é constituída por etapas, caracterizando um processo de trabalho, no qual o professor atua como mediador, instrumentalizando-se a fim de promover a participação e o desenvolvimento do aluno frente ao texto.

Esse processo inicia-se com a construção de perguntas pré-leitura, as quais têm o objetivo de:

Suscitar a necessidade de ler, ajudando-o a descobrir as diversas utilidades da leitura em situações que promovam sua aprendizagem significativa [...] e transformá-lo em todos os momentos em leitor ativo, isto é, alguém que sabe por que lê e que assume sua responsabilidade ante a leitura (SOLÉ, 1998, p. 114).

Para tanto, devem ser realizadas algumas ações antes da leitura propriamente dita. Ações como: motivar o leitor para a leitura; estabelecer objetivos de leitura; ativar o conhecimento prévio dos leitores sobre a temática e sobre o gênero textual; estabelecer previsões sobre o tema a partir do título (SOLÉ, 1998).

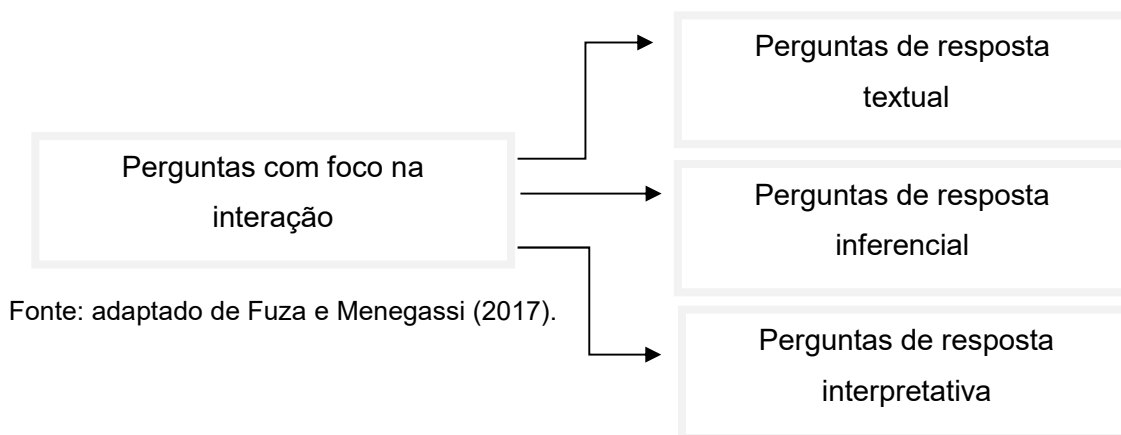
Conforme aponta Solé (1998), para motivar o leitor a ir até o texto, o leitor precisa entender qual é o objetivo de leitura/o que essa ação lhe trará de benefício, e justamente por isso é que, preferencialmente, devem ser escolhidos textos de uso real. Textos que tragam uma informação precisa ou de caráter geral, textos que sirvam para revisar um conteúdo ou apenas para praticar a leitura em voz alta, textos que tragam um momento de prazer ao leitor, enfim, leituras que, desde o primeiro momento possam fazer sentido.

Para Solé (1998, p. 22) “[...] os objetivos da leitura são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar as crianças a ler e a compreender”. Além disso, o orientador que conduz esse trabalho pode destacar alguns detalhes que despertam o aluno sobre o que ele já conhece sobre o assunto. Para exemplificar, podemos mostrar ao leitor apenas o título do texto. O orientador poderá, nesse momento, conhecer o que o leitor já sabe sobre a temática e ativar os conhecimentos prévios do leitor.

Em síntese, as perguntas pré-leitura têm a finalidade de ativar os conhecimentos prévios do leitor a respeito do gênero textual e do tema em abordagem no texto. É um momento em que o leitor pode imaginar, seja observando a capa do livro ou analisando o seu título, o que aquele texto a ser lido poderá conter. Nesse momento, nas palavras de Solé (1998), são utilizadas as estratégias levantamento de hipóteses e realização de antecipações sobre o conteúdo do material de leitura a ser lido; estratégias essas imprescindíveis para um trabalho com o desenvolvimento leitor. Perguntas que se referem ao título, aos subtítulos, às ilustrações e gráficos, são algumas que podem ser feitas nesse momento.

No segundo momento, as perguntas a serem oferecidas ao leitor são realizadas no processo leitor, ou o que os autores chamam de durante a leitura. Esse tipo de pergunta pode ser melhor representado pelo esquema a seguir:

Figura 4 – Ordenação das perguntas de leitura (durante a leitura)



Fuza e Menegassi (2017) alertam que a ação didática não é um modelo fechado a ser seguido para todo e qualquer trabalho com o ensino e a aprendizagem da leitura. Deve-se planejá-la conforme o objetivo do professor, o contexto, o ano escolar dos alunos etc. Às vezes, apenas as perguntas de resposta interpretativas podem ser elaboradas, a depender dos trabalhos realizados anteriormente.

Junto ao trabalho de ordenação de perguntas está a etapa de sequenciação das respostas, que auxilia o aluno no desenvolvimento da produção de texto e permite que o professor avalie se ele compreendeu o texto, podendo ser coautor dos sentidos. A sequenciação consiste em: após a construção de respostas textuais, inferenciais e interpretativas, isto é, pós-leitura, é oferecido ao leitor uma pergunta-chave, final: Do que trata o texto? - Para respondê-la, primeiramente, o aluno sequencia as respostas dadas às perguntas anteriores. Depois, o leitor vai trabalhando esse texto sequenciado de forma a retirar repetições, incluir elementos coesivos, até que o texto apresente de forma sucinta: do que trata o texto. Para Fuza e Menegassi (2017), a produção dessa resposta final leva o aluno/leitor a uma réplica, uma resposta ativa ao discurso anterior – princípio da interação humana.

Após abordarmos os aspectos que embasam teórica e metodologicamente nossa pesquisa, apresentamos a definição teórica do conto maravilhoso, visto que esse gênero é o eixo organizador de nossa proposta de leitura.

2.4 O CONTO MARAVILHOSO

O conto maravilhoso é um texto que “[...] narra acontecimentos fabulosos, vivenciados por personagens sobrenaturais imersos em um mundo imaginário, tendo como conflito a busca por ascensão econômica e social” (SENE, 2019, p. 67). Pelas experiências que adquirimos em trabalhos com crianças de 10 a 12 anos de idade, é possível considerar que seres fantásticos e sobrenaturais encantam essa faixa etária e, portanto, justificamos a escolha por esse gênero literário. Além disso, como mencionamos na introdução, a opção desde o planejamento inicial foi trabalhar com textos literários que trouxessem diversão e encantamento, ao mesmo tempo em que proporcionassem importantes reflexões. O conto, portanto, se ajusta a isso, uma vez que, tem como pano de fundo os problemas sociais que tematizam, sobretudo, o embate entre a simplicidade e a inveja, a empatia e a arrogância, a bondade e a maldade, em síntese, o bem contra o mal.

Para a definição do conto maravilhoso, recorreremos aos estudos de Propp (2006), que considera que uma das especificidades desse tipo de gênero é que o motivo antecede o enredo; ou seja, é o motivo que faz que o enredo se desenvolva. Outro aspecto é que, “habitualmente, começa com certa situação inicial. Enumeram-se os membros de uma família, ou o futuro herói (por exemplo, um soldado) é apresentado simplesmente pela menção de sua situação” (PROPP, 2006, p. 31).

Essas características estão presentes no conto maravilhoso “Os onze cisnes da princesa”, de Azevedo (2007), o qual é abordado em nossa proposta de leitura. Assim, a situação inicial é a de que “Era uma vez um rei que tinha onze filhos e uma filha. Um dia o rei ficou viúvo e, tempos depois, casou-se de novo”; logo, os membros da família são enumerados: um rei; onze filhos; uma filha; uma nova esposa; o futuro herói é apresentado na situação inicial: “uma filha”. A partir daí

todo o enredo é consequência da situação inicial (o motivo: o rei casa-se novamente).

Existem outras especificidades do conto maravilhoso, que são diferentes, por exemplo, do conto de fadas. Conforme Propp (2006), no maravilhoso, na etapa da ação, que constitui a sequência narrativa, é muito frequente que: “Um dos membros da família sai de casa” (PROPP, 2006, p. 31); “Impõe-se ao herói uma proibição” (PROPP, 2006, p. 32); “A proibição é transgredida” (PROPP, 2006, p. 32); “O herói é submetido a uma prova; a um questionário; a um ataque; que o preparam para receber um meio ou um auxiliar mágico” (PROPP, 2006, p. 41). Entre todas as funções dos personagens que caracterizam esse gênero textual, o auxiliar mágico é o que traz para o enredo um momento de maravilhoso, no qual algo mágico acontece, brincando com o real e o imaginário.

Em “Os onze cisnes da princesa” (AZEVEDO, 2007), logo que a situação inicial é apresentada, o primeiro membro a sair de casa é a filha do rei. A rainha feiticeira – e nova esposa do rei – detestava os seus enteados e elaborou planos para mandá-los bem longe dali. Diante disso, “[...] a princesa acabou indo morar numa fazenda distante” (AZEVEDO, 2007, p. 69). Seus irmãos também tiveram que sair, mas o caminho que tomaram foi diferente. Sobre a proibição que é imposta ao herói e sua transgressão, a princesa e seus irmãos, ao serem postos para fora do castelo, são impedidos de ver o pai e uns aos outros. Entretanto, a princesa sai em busca dos irmãos e, depois de quebrar o feitiço imposto a eles, voltam todos juntos para viver com o pai. A principal cena de encantamento e magia é quando a princesa é submetida a uma prova: fazer os casaquinhos para os irmãos. Mesmo presa e condenada à morte, ela continua o trabalho, que ao final quebra o feitiço e reabilita os irmãos como humanos.

De uma forma mais ampla, em sua dissertação de mestrado, Sene (2019) apresenta um conjunto de elementos que caracterizam os contos maravilhosos de autoria de Ricardo Azevedo, conforme reproduzimos a seguir:

Quadro 2 – Características do conto maravilhoso de Azevedo, conforme Sene (2019)

Prática social: aprimoramento do senso estético e da expansão do repertório cultural do leitor, proporcionando a aquisição de uma bagagem de experiências que refletem na formação humana e interação social. Levando em consideração ainda o espaço privilegiado que a atividade de leitura ocupa no ambiente escolar, o gênero está envolvido também no trabalho com a prática pedagógica de formação de leitores;

Gênero escrito;

Pertence à esfera literária; Emissor: escritor Ricardo Azevedo; Destinatário: leitores que apreciam narrativas do universo maravilhoso, em especial o público infanto-juvenil, uma vez que a coletânea faz parte do PNBE, com recomendação para essa faixa etária. Papel discursivo do emissor: preservar e disseminar histórias populares, promover reflexões acerca de temas sociais; Papel discursivo do destinatário: contribuir para o processo de preservação de contos populares, além do papel humanizador ao abordar temas de relevância social que demandam reflexão por parte do sujeito leitor; Tema dos textos: histórias universais e atemporais que abordam questões sociais e sentimentos comuns, inerentes à vida. Suporte: livros, físicos e virtuais; Meio de circulação: ambientes residenciais e educacionais.
Tipo de discurso: situa-se, predominantemente, no mundo do narrar, por meio do narrar ficcional; Estrutura geral do texto: texto em prosa, relativamente curto se comparado a um romance, composto por título, corpo textual e ilustração; Sequência predominante: sequência narrativa, embora apareçam também as sequências dialogais e descritivas.
Retomadas textuais: são utilizadas muitas retomadas nominais, principalmente a substituição por sinônimos; Há a predominância dos verbos de ação conjugados no pretérito perfeito; Observamos a presença de organizadores temporais e espaciais; A escolha lexical é condicionada ao ambiente fantasioso no qual as narrativas se desenvolvem, palavras que remetem ao mistério e ao onírico são amplamente exploradas; A utilização dos sinais de pontuação segue os padrões da narração: ponto final, de exclamação, de interrogação, dois-pontos e travessão; Há a presença de metáforas e outras figuras de linguagem; As vozes presentes são: a do autor, perceptível nas quadrinhas que finalizam os contos; a do narrador que organiza o enredo e as dos personagens que aparecem, principalmente, por meio do discurso direto; As modalizações são mais frequentes na voz no narrador que tenta persuadir o leitor por meio de modalizações apreciativas; Como elemento para textual, destacamos as ilustrações, no estilo da xilogravura.

Fonte: Sene (2019, p. 88).

Apresentados os pressupostos teóricos que sustentam a nossa pesquisa e a construção da nossa proposta de leitura, passamos aos procedimentos metodológicos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os encaminhamentos metodológicos da pesquisa. Na subseção 2.1, definimos teoricamente a pesquisa qualitativa: sua origem e alguns conceitos bem como explanações sobre a pesquisa-ação; na 2.2 descrevemos os participantes e o ambiente da pesquisa, respectivamente; por fim, na subseção 2.3, explicitamos os procedimentos e categorias de análise.

3.1 A ABORDAGEM QUALITATIVA E A PESQUISA-AÇÃO

Nossa pesquisa tem caráter qualitativo, configurando-se como pesquisa-ação. De acordo com Triviños (1987), a pesquisa qualitativa toma como objetivo de investigação os fenômenos sociais, não visando às raízes dos fenômenos, mas o entendimento dos princípios causadores. Nesse sentido, trata-se de “uma metodologia que, considerando também o contexto do fenômeno social que se estuda, privilegia a prática e o propósito transformador do conhecimento que se adquire da realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 125).

Nosso trabalho configura-se como de caráter qualitativo, pois por somos participantes de um Mestrado Profissional em Ensino (PPGEN/UENP) e estamos inseridas em um contexto de aperfeiçoamento de nossa formação docente. Além disso, temos como objetivo a elaboração de uma proposta de leitura, que venha a ser uma ferramenta de desenvolvimento da leitura a ser realizado com crianças de 10 a 12 anos de idade que frequentam bibliotecas. Proposta essa que pode ser utilizada (com adaptações necessárias) por outros orientadores de atividades que atuam em bibliotecas, sejam públicas, escolares etc., bem como por professores em situação de sala de aula formal.

Em decorrência desses aspectos, o que realizamos é um trabalho no qual pesquisa e ação caminham juntas para a transformação de uma realidade, logo, como define Franco (2005), o que realizamos é uma pesquisa-ação. A autora também defende que a pesquisa-ação não é um tipo de pesquisa apenas para revelar dados, mas sim para que o pesquisador possa revelar e agir com e sobre os dados. Nesse sentido, “[...] a pesquisa-ação é um processo de espiral que envolve três fases: 1. planejamento, que envolve reconhecimento da situação; 2. tomada de decisão; e 3. encontro de fatos (*fact-finding*) sobre os resultados da ação. Esse *fact-*

finding deve ser incorporado como fato novo na fase seguinte de retomada do planejamento e assim sucessivamente” (FRANCO, p. 487).

Tais fases constituem nossa pesquisa-ação da seguinte forma: 1) Planejamento: Diante de nossa própria experiência profissional, reconhecemos a falta de material de trabalho para que os orientadores de atividades possam promover que a biblioteca se torne ambiente de aprimoramento da prática discursiva da leitura. A partir disso, organizamos nossos objetivos e ações enquanto pesquisadoras; 2) Tomada de decisão: construímos, primeiro uma proposta diagnóstica e depois um Produto Educacional baseada na metodologia da ordenação e sequenciação de perguntas de leitura, conforme os preceitos de Solé (1998), Fuza e Menegassi (2017), Fuza e Menegassi (2018); 3) Encontro de fatos: Implementamos a proposta diagnóstica e analisamos os dados, depois, a fim de ajustar, transformar e ampliar o necessário, elaboramos o Produto Educacional/Caderno didático.

Assim, ancorados na pesquisa-ação, colocamos em prática o que Franco (2005) explica, “[...] a transformação é previamente planejada, sem a participação dos sujeitos, e apenas o pesquisador acompanhará os efeitos e avaliará os resultados de sua aplicação” (p. 486). Previamente planejado, elaboramos uma proposta diagnóstica, implementamos e a partir dos resultados, redefinimos o Caderno didático.

Em detalhamento das fases da pesquisa-ação, Franco (2005) expõe os encaminhamentos metodológicos que norteiam as referidas fases: 1) construção da dinâmica do coletivo; 2) resignificação das espirais cíclicas; 3) produção de conhecimento e socialização dos saberes; 4) análise/redireção e avaliação das práticas; 5) conscientização das novas dinâmicas compreensivas. Isso significa:

1. Construção da dinâmica do coletivo: “[...] trabalho de inserção do pesquisador no grupo, de autoconhecimento do grupo em relação às suas expectativas, possibilidades e aos seus bloqueios” (FRANCO, 2005, p. 498). Na prática, consideramos que já estamos envolvidas com os demais participantes, crianças de 10 a 12 anos que frequentam bibliotecas públicas, conforme nossa experiência no ambiente.

2. Resignificação das espirais cíclicas: As espirais cíclicas indicam que a pesquisa não é um processo estático, pois tem a premissa de “[...] retomar a preocupação com as coisas e com as pessoas, nas práticas sociais cotidianas, em

um mundo compartilhado, constituindo-se uma comunidade reflexiva de compartilhamento de significados” (LIBÂNEO *apud* FRANCO, 2002, p. 499). Construímos uma proposta para o ensino de leitura, com o intuito de auxiliar os orientadores de atividades no desenvolvimento da leitura de crianças de 10 a 12 anos, que não atenda uma necessidade única e particular, mas que possa ser expandida a muitos outros contextos.

3. Produção de conhecimento e socialização dos saberes: Nosso trabalho pretende produzir conhecimentos para o aprimoramento de nossa formação e para o desenvolvimento da prática de leitura dos alunos, bem como visa à socialização dos saberes, no sentido de que o Caderno Didático poderá ser adaptado, transformado e ampliado por demais professores e profissionais que estão à frente de bibliotecas.

4. Análise/redireção e avaliação das práticas: elaboramos um Caderno didático a partir das análises do que os participantes apresentaram na proposta diagnóstica, avaliando e transformando também as instruções, algumas perguntas e encaminhamentos.

5. Conscientização das novas dinâmicas compreensivas: “o conhecimento de algo é também, simultaneamente, um autoconhecimento” (GHEDIN *apud* FRANCO, 2002, p. 500). Nossa pesquisa tem mais que o desejo de validar uma proposta de trabalho e propor encaminhamentos a outros profissionais. Acima de tudo, pretendemos envolver os participantes de forma a desenvolvê-los como leitores ativos, bem como aprimorar nossa formação docente.

Na sequência, apresentamos os participantes da pesquisa.

3.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como uma das participantes da pesquisa, no caso, aquela que propõe as ações e busca desenvolver-se a partir delas e dos resultados alcançados, minha⁶ formação acadêmica é em Pedagogia, realizada na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), 2009, com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pelo Instituto Rhema de Educação (2017). Lecionei para alunos da Educação Infantil, em escolas públicas e privadas, para turmas de 1º ano do Ensino

⁶ Nesse momento, utilizo a primeira pessoa do discurso no singular para expor quem sou de forma mais direta.

Fundamental I, no trabalho com a alfabetização, e também em sala de aula multisseriada, na modalidade Educação de Jovens e Adultos. Embora a sala de aula exerça um fascínio sobre minha pessoa, meu caminho profissional tomou outro rumo de alguns anos para cá.

Desde 2016, sou orientadora de atividades em uma biblioteca pública em um município do norte do estado do Paraná. Nesse trabalho, minha função é a promoção da leitura daqueles que frequentam a biblioteca (chamados de clientes); organização de grupos de leitura; leitura e contação de histórias infantis dentro do espaço da biblioteca. Lá, atendo uma clientela de larga faixa etária: crianças com 2, 3 anos de idade que são levadas pelos pais; adolescentes que utilizam o espaço para estudos; adultos e pessoas da melhor idade que buscam empréstimos de livros. Além de buscar por histórias, essas pessoas também levam muitas histórias! É uma satisfação ouvi-los! Há, também, grupos de alunos matriculados em escolas municipais, públicas e privadas, que são levados ao nosso espaço pelas respectivas professoras. Com esses, eu também trabalho com textos, geralmente infantis ou infanto-juvenis, na contação de história e/ou leitura compartilhada com atividades (recortes, colagens, criação de textos, rimas, entre outras).

Há algum tempo, minhas reflexões me fizeram constatar que eu não vinha realizando ações eficazes para o desenvolvimento de leitura. Em nenhum momento, houve sequer uma verificação da compreensão leitora daqueles que atendo, e foi exatamente nesse sentido que nasceu meu desejo de realizar o presente trabalho.

Os outros participantes são crianças de 10 a 12 anos, que vêm frequentando o espaço da biblioteca há algum tempo. São, em sua maioria, estudantes de escolas públicas: sendo duas meninas e três meninos, os quais participam dos Clubes da Leitura que são promovidos na biblioteca em que trabalho. Inicialmente, pretendíamos formar um grupo mais quantitativo, contudo, no contexto de pandemia, consideramos importante reduzi-lo.

Assim, diante do cenário pandêmico, que se estendeu durante todo o ano de 2020 e continua ainda em meados de 2021, fizemos a implementação do diagnóstico inicial. A biblioteca encontrava-se fechada durante todo ano de 2020 para consultas de obras e leituras locais. De março a julho, não houve sequer empréstimos de livros. Por meio de mensagens via *Whatsapp*, e com todos os

cuidados de higiene e protocolos de enfrentamento a Covid-19, a comunidade voltou a fazer empréstimos a partir de julho de 2020. Os livros solicitados são higienizados, embalados e entregues com o mínimo de contato social. Os empréstimos ficam em caixas organizadoras em frente à sala da biblioteca e o solicitante faz a retirada. Para as devoluções, o processo é o mesmo: os livros são devolvidos na caixa e baixados no sistema operacional da biblioteca.

Assim, em setembro de 2020, decidimos implementar as atividades que formam a proposta de leitura diagnóstica (SEÇÃO 3) da seguinte forma: cada uma das 5 crianças participantes recebeu uma pasta contendo uma cópia do texto “Os onze cisnes da princesa”, o qual faz parte da coletânea de contos *No meio da noite escura tem um pé de maravilha* (2007) de Ricardo Azevedo, e um conjunto de perguntas de leitura, elaboradas com base na perspectiva interacionista de linguagem, seguindo os preceitos da metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura (SOLÉ, 1998; MENEGASSI; ANGELO, 2010; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA; MENEGASSI, 2018). Também foram entregues, junto ao material de leitura, os termos de consentimento e assentimento. Entre os dias 12 e 15 de setembro de 2020, levamos as pastas nas respectivas residências das crianças, recolhemos as assinaturas nos termos e estipulamos um prazo para recolhimento das atividades.

O prazo estipulado para a realização e devolução das atividades foi, a princípio, de uma semana. Porém, considerando que todos se encontravam em *home-school* e com excesso de tarefas para serem feitas em casa, estendemos o prazo para mais uma semana. Assim, as atividades foram recolhidas entre os dias 26 a 28 de setembro de 2020 e analisadas de acordo com os procedimentos que descrevemos a seguir.

Como forma de preservar a identidade das crianças participantes, utilizamos as denominações P1, P2, P3, P4 e P5 na identificação das respostas às atividades, conforme acordado nos Termo de assentimento assinados pelos pais e pelos menores (ANEXO I e II).

3.3 PROCEDIMENTOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Com o intuito de compreender, como a metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura pode contribuir para que crianças de 10 a 12 anos de idade produzam sentidos aos textos que leem, de forma mais específica, aos contos maravilhosos, elaboramos e implementamos uma proposta de leitura/diagnóstica, destinada a crianças de 10 a 12 anos de idade frequentadoras de biblioteca. Implementação realizada com adaptações, visto que o contexto de pandemia que vivemos em 2020 nos direcionou para ações diferentes das inicialmente planejadas. Nesse sentido, não tivemos a oportunidade de realizar a mediação entre o conteúdo proposto e os participantes. Por esse motivo, as respostas dadas pelas crianças é que formam o objeto de análise, tanto como parâmetro as respostas sugeridas e as efetivadas pelos participantes.

Assim, na elaboração das perguntas de resposta textual, inferencial e interpretativas que formam a proposta, produzimos também sugestões de respostas a cada uma, com exceção das perguntas interpretativas que são de cunho pessoal. Para a análise das respostas construídas pelos participantes, tomamos como parâmetro essas sugestões, que denominamos de respostas esperadas. Assim, a análise se baseou em verificar a aproximação, ou não, da resposta do participante em comparação à esperada.

Após o diagnóstico, construímos em adaptação e transformação da atividade diagnóstica a proposta definitiva, isto é, nosso Produto Educacional, que se configura como um Caderno didático destinado a profissionais que atuam em bibliotecas, os quais ocupam a função de orientadores de atividades. Nosso produto educacional, destinado a esses orientadores, tem como premissa servir de ferramenta para o trabalho com o desenvolvimento da prática discursiva da leitura, mais especificamente ao se trabalhar com crianças de dez a doze anos de idade.

Na próxima seção, apresentamos a proposta de leitura diagnóstica.

4 PROPOSTA DE LEITURA DIAGNÓSTICA

Apresentamos, nesta seção, a proposta de leitura formada por instruções ao orientador de atividades, atividades de leitura destinadas às crianças de 10 a 12 anos, e sugestão de resposta às perguntas (a serem parâmetros para análise diagnóstica). Evidentemente, oferecemos aos participantes apenas o texto/conto “Os onze cisnes e a princesa”, de Ricardo Azevedo, o primeiro bloco: perguntas pré-leitura e o segundo bloco: perguntas durante a leitura. O terceiro bloco: perguntas após a leitura não fez parte da atividade diagnóstica oferecida aos participantes, mas o apresentamos, aqui, nesta seção da dissertação, com o intuito de que seja conhecida a proposta completa por nós elaborada.

4.1 CADERNO DE ATIVIDADES

Para iniciar o processo de construção das perguntas de leitura, tomamos como eixo organizador o conto “Os onze cisnes da princesa”, de Ricardo Azevedo, parte da coletânea *No meio da noite escura tem um pé de maravilha* (2007).

4.1.1 Primeiro Bloco: Perguntas Pré-Leitura

De acordo com Solé (1998), as perguntas pré-leitura têm a finalidade de ativar os conhecimentos prévios do leitor a respeito do gênero textual e do tema em abordagem no texto. Nesse momento, o leitor pode fazer antecipações e levantar hipóteses, estratégias que Solé (1998) afirma serem imprescindíveis para um trabalho com o desenvolvimento leitor.

Orientador de atividades: *explique aos leitores que existem muitas formas e meios de falar sobre alguns problemas pelos quais as pessoas passam, sejam elas crianças ou adultos. Por exemplo, se um colega da escola inventa uma mentira sobre a criança, é preciso que ela reclame para a professora e para os seus pais; existem outros gêneros que tratam desse assunto de forma mais lúdica, fazendo que os leitores reflitam, sensibilizem-se e, até mesmo, mudem de atitude. Explique também que, nesse projeto, será realizada a leitura de um texto escrito por*

Ricardo Azevedo, escritor muito conhecido por tratar de assuntos bastante sérios, mas por meio de personagens e acontecimentos que envolvem a realidade e o imaginário, promovendo uma reflexão descontraída e lúdica por parte de seus leitores.

Objetivos da proposta: conhecer um conto maravilhoso; refletir e discutir sobre problemas sociais presente na vida das crianças: o ciúme, a inveja; a comparação entre os pares, a maldade, a coragem, a felicidade e a empatia – de forma lúdica, com elementos mágicos, proporcionando à criança a compreensão de que é possível falar de muitas coisas de diversas formas.

Atividades

1. Qual é o título do texto?

Sugestão de resposta: O título do texto é “Os onze cisnes da princesa”.

2. Pelo título é possível entender que a história tratará de questões fictício-imaginárias? Explique.

Sugestão de resposta: Pelo título é possível entender que a história tratará de questões fictícias, por envolver uma personagem que é princesa.

3. Qual história você imagina que será contada neste texto, a considerar o título?

Resposta pessoal.

4. Por que, na sua opinião, a princesa tem onze cisnes?

Resposta pessoal.

5. O texto que vamos ler é um conto maravilhoso. Você já leu algum conto maravilhoso? Se sim, qual era o tema tratado no conto?

Resposta pessoal.

6. Você sabe quais temas são tratados nos contos maravilhosos?

Resposta pessoal.

7. Onde esse texto pode ser encontrado?

Sugestão de resposta: Esse texto é encontrado em livros, sites e blogs.

Depois das atividades antes da leitura, é chegado o momento da leitura propriamente dita do conto e de uma nova sequência de perguntas.

4.1.2 Segundo bloco: a leitura do conto e as perguntas durante a leitura

Para a construção das perguntas textuais, inferenciais e interpretativas (MENEGASSI; ANGELO, 2010; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA; MENEGASSI, 2018), partimos das ideias principais que constituem o conto e do conjunto de ações desenvolvidas pelo personagem protagonista da história. Para tanto, o primeiro passo foi identificar esses aspectos no texto. O leitor é orientado a atentar-se à linearidade do enredo do conto “Os onze cisnes da princesa” (AZEVEDO, 2007), cuja estrutura formal e regular é organizada, predominantemente, pela sequência narrativa. Assim, a ordem dos acontecimentos ocorre da seguinte forma: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final (SENE, 2019).

No conto em questão, a história trata do “bem contra o mal” de forma mágico-maravilhosa, mais especificamente trata da transgressão humana e de suas consequências. A inveja, que gera o conflito e é o fio condutor de toda a narrativa, mostra o quão destrutivo esse sentimento pode ser para uma família toda. O ciúme, a insegurança e o ato de se comparar com os outros são sentimentos que certamente causam impactos e geram afinidade com o universo infanto-juvenil. Brincando em universos paralelos, Azevedo (2007) traz algumas inquietações que fazem parte da nossa vida em sociedade: ciúme, maldade, inveja, coragem, perseverança, solidariedade, entre outros temas que podem surgir no processo de leitura, dependendo das experiências de vida que o leitor trará para o texto.

Diante do exposto, apresentamos o conto com as ideias centrais destacadas em negrito.

Quadro 3 – Destaque das ideias centrais do conto “Os onze cisnes da princesa”

Os onze cisnes da princesa (Ricardo Azevedo)

Era uma vez um rei que tinha onze filhos e uma filha.

Um dia **o rei ficou viúvo e, tempos depois, casou-se de novo.**

Mal sabia ele que **sua nova esposa além de muito bonita era uma terrível e cruel feiticeira.**

A rainha simplesmente detestava os doze filhos do rei.

Tanto que, **assim que pôde, deu um jeito de enviar a princesa para longe.** Inventou uma desculpa. Convenceu o rei que seria bom para a menina passar um tempo vivendo no campo. E assim, a princesa acabou indo morar numa fazenda distante.

Com os meninos, a rainha bruxa fez pior.

Aproveitando-se de que o rei tinha ido viajar, fez um feitiço e transformou os pobres príncipes em onze cisnes. Assustados e confusos, os filhos do rei bateram as asas e foram embora.

Quando soube do desaparecimento dos filhos, o rei chorou e soluçou. Como era possível aquilo? E perguntou. E investigou. E mandou a polícia e mandou o exército procurarem por todos os cantos e recantos. Infelizmente, ninguém sabia de nada. Infelizmente, os príncipes nunca mais voltaram.

Os anos se passaram. A filha do rei veio fazer uma visita. Tinha virado uma moça muito

bonita. Ao ver a beleza da princesa, **a rainha feiticeira, cheia de inveja e ciúme, logo armou um plano.**

Chamou a menina. Disse que a viagem tinha sido muito longa e seria melhor tomar banho antes de ver o pai.

A pobre menina, inocente, aceitou.

A rainha bruxa chamou três sapos.

Disse ao primeiro:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em sua cabeça. Assim ela vai ficar com pensamentos de sapo!

Disse para o segundo:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu rosto. Assim ela vai ficar com cara de sapo!

Disse para o terceiro:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu coração. Assim ela vai ficar com sentimentos de sapo! A mulher caiu na gargalhada. Os sapos foram se esconder no fundo da banheira.

A filha do rei entrou na água, tomou banho e não aconteceu nada. Quando saiu da banheira deixou três rosas boiando na água.

Furiosa, ao perceber que seu feitiço não tinha funcionado, a rainha agarrou a menina e passou graxa e terra em seu corpo.

Só então a princesa foi levada ao rei.

Ao vê-la nesse estado, o homem ficou furioso. Mandou tirar a menina dali. Gritou. Disse que aquele monstrengo não era sua filha de jeito nenhum.

A moça chorou, mas com medo da madrasta, não conseguiu explicar nada.

Aquela noite, a princesa decidiu que era melhor fugir do castelo. Esperou todo mundo dormir, saiu pela janela, pegou a estrada e foi andando.

O dia raiou. A princesa estava cansada. Sentou-se debaixo de uma árvore e começou a chorar. Suas lágrimas caíam, caíam e pouco a pouco seu rosto foi ficando limpo e lindo de novo.

Dentro dela, entretanto, formou-se um plano. Não adiantava voltar para o castelo de seu pai, pois não tinha forças para enfrentar a bruxa feiticeira. Também não adiantava ficar ali sozinha chorando à toa.

Decidiu que não ia sossegar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. Pensou isso e partiu. Andou, andou, andou e um dia encontrou um mendigo que viajava pelo mundo. O homem andava enrolado numa pele grossa. **A menina perguntou a ele se, por acaso, não tinha visto onze príncipes nos lugares por onde tinha passado.**

- Não vi, não – respondeu o mendigo. – Mas vi onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça.

A menina arregalou os olhos:

- Só podem ser eles!

O homem explicou que tinha visto os cisnes num lago ali perto. A princesa agradeceu, foi até o lago e ficou esperando escondida atrás de um arbusto.

Quando o fim da tarde chegou, onze lindos cisnes surgiram voando no espaço. Vieram planando devagar e logo pousaram na terra, correram para a lagoa e ficaram nadando.

Os onze cisnes tinham coroas de ouro no alto da cabeça.

Quando a escuridão da noite caiu, não se sabe como, os cisnes se transformaram em gente, a princesa sorriu encantada. Eram seus queridos irmãos. Saiu correndo de trás da moita e abraçou os irmãos que também ficaram muito felizes.

- Quanto tempo! Que saudade! Que bom ver vocês!

Aquela noite, os doze irmãos nem dormiram. Passaram o tempo todo conversando e trocando ideias. Todos falaram mal da rainha. Ela era a culpada de tudo. Ela tinha poderes mágicos. Ela queria acabar com eles. Mas, o que fazer?

Os irmãos da princesa contaram que só tinham forma de gente durante a noite. De dia, viravam cisnes novamente.

Explicaram que precisavam ter muito cuidado ao voar. **Se, por acaso, estivessem voando e a noite caísse de repente, podiam virar gente no ar, despencar lá do alto e morrer.**

Os onze príncipes moravam num reino distante. Para chegar até lá era preciso atravessar o mar durante dois dias.

- A sorte – disse um deles – é que no meio do caminho existe uma ilha de pedra. Quando a noite chega, aterrissamos na ilha, viramos gente de novo e ali passamos a noite. No dia seguinte, logo cedo, prosseguimos a viagem.

Mas os irmãos estavam preocupados:

- Amanhã é nosso último dia por aqui – explicou um deles. – Nosso prazo terminou. Temos que voltar para nossa casa. Só voltaremos daqui a um ano.

Dizendo que viviam num reino muito bonito, **os príncipes convidaram a irmã a ir com eles para lá.**

- Mas como? – perguntou a menina.

Os irmãos da princesa arranjaram corda e construíram uma rede, como essas de pescador.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, os onze cisnes bateram asas e, juntos, levantaram voo puxando a rede. **Dentro, presa entre as cordas, lá foi a princesa.**

Que viagem estranha e bonita!

Agarrada nas cordas da rede a princesa ia olhando a vida e o mundo lá do alto.

Olhava para cima e via onze cisnes com coroas de ouro na cabeça movendo suas asas elegantes.

Olhava para baixo e via o castelo onde tinha nascido, lá longe, a fazenda onde tinha morado, via montanhas, cidades, florestas, muitos caminhos e, principalmente, o mar.

Sim, porque de repente, olhando para baixo, só se via o mar.

E o tempo foi passando.

A princesa olhava para cima. Percebia que os irmãos estavam cada vez mais cansados. Batiam as asas com dificuldade. O pior é que ainda não dava para ver nenhuma ilha de pedra.

A força dos cisnes começou a acabar. O esforço era grande demais. A menina, pendurada na rede, sentiu que estava correndo perigo. Cansados, seus irmãos começavam a descer perigosamente chegando perto das ondas violentas do mar.

- Sou a culpada de tudo! – pensou a menina. – Se não estivessem me carregando, já tinham alcançado a ilha faz tempo.

A noite também foi caindo.

De repente, na linha do horizonte, surgiu um ponto.

- Força – gritou a princesa. – Falta pouco!

Era uma ilha.

Num esforço desesperado, os onze cisnes bateram e bateram asas gastando as últimas energias. No fim, conseguiram aterrissar. Logo depois, a escuridão tomou conta de tudo e os cisnes viraram gente de novo.

Daquela vez, os onze irmãos não quiseram saber de conversa. Estavam exaustos. Dormiram a noite inteira para recuperar as forças. **No dia seguinte, logo cedo, agarraram a rede, alçaram voo e, antes do final da tarde, chegaram a seu destino.**

Os cisnes moravam numa gruta, no alto de um morro. O lugar era mesmo muito bonito.

Naquela noite, depois do jantar, o irmão mais velho disse à moça:

- Experimente sonhar.

- Sonhar? – perguntou a princesa sem compreender.

- Quem sabe no sonho – continuou o irmão – surja alguma ideia, uma mensagem que ajude a gente a quebrar esse feitiço.

- Sim! É a nossa única chance – disseram os outros.

A princesa resolveu tentar.

Aquela noite, sonhou que tinha asas e estava voando no azul do céu. Chegou ao castelo de uma fada e lá conversou muito com ela. No sonho, a fada disse que tinha um jeito de quebrar o encanto que escravizava seus irmãos. Contou que em volta da gruta onde os cisnes viviam havia um certo capim amarelo. O tal capim, completou a fada, no sonho, também costumava nascer nos cemitérios.

Sempre no sonho, a fada explicou que a moça teria que colher bastante daquele capim, o suficiente para fazer com aquele capim onze casaquinhos. Quando estivessem prontos, era só vestir os cisnes que o encanto se quebrava. Mas tinha um porém.

- Se quiser mesmo quebrar o encanto – disse a fada - a partir do momento que você começar a colher o capim, não vai mais poder falar nenhuma palavra com seus irmãos nem com ninguém. Nem uma sílaba sequer.

Enquanto seus onze irmãos não desencantasses, a princesa precisaria fingir que era muda.

- Preste bem atenção – insistiu a fada. – Se uma palavra sair de sua boca, enquanto os casacos não estiverem prontos e colocado nos cisnes, essa palavra vai virar uma faca afiada e cortar o pescoço dos onze cisnes!

A moça acordou daquele sonho apavorada.

Saiu fora da gruta. Queria falar com os irmãos, mas eles tinham saído. Olhou em volta. Viu o tal capim amarelo. Não tinha um minuto a perder.

- É agora ou nunca! – gritou ela.

E começou a catar capim.

Quando a noite caiu, os irmãos voltaram e foram logo conversar com a irmã. Encontraram a princesa diferente. Quieta. Muda. Sem dizer nada. Os irmãos estranharam.

- Só se nossa madrastra esteve aqui e fez algum feitiço!

A princesa só catava capim e, em silêncio, jogava dentro de um saco. Os irmãos chegaram a pensar que a pobre moça tinha enlouquecido.

No fim, o mais velho desconfiou:

- Já sei! Foi o sonho! Ela está fazendo uma coisa que aprendeu no sonho! Ela deve estar trabalhando para nos salvar!

Os olhos da princesa brilharam de alegria e assim os príncipes tiveram certeza.

O jeito era deixar a linda menina trabalhar.

E assim foi.

Todos os dias, a filha do rei acordava cedo e já ia colher capim. Não demorou muito, suas mãos estavam machucadas de tanta trabalhadeira.

Os irmãos choravam, tentavam conversar, tentavam compreender, mas a menina abaixava a cabeça e não dizia nada.

Depois de colher uma boa quantidade de capim, a moça achou que estava na hora de costurar os casaquinhos.

Uma tarde, estava trabalhando dentro da gruta, quando apareceu um cavaleiro. O rapaz desceu do cavalo. Examinou a princesa. Ficou encantado. Nunca tinha visto uma moça assim tão bonita.

Apresentou-se. Disse que era o rei. Disse que todas aquelas terras eram dele. A moça não disse nada.

O rei perguntou o que ela estava fazendo.

A princesa não podia falar uma palavra.

O rei mandou trazer uma carruagem. Disse que ia levar a moça bonita para o palácio.

Sem saber o que fazer, a princesa sentiu que era melhor obedecer. Pegou o saco cheio de capim e os três casaquinhos que já tinha feito e subiu na carruagem.

Apesar de a moça ser tão quieta, o rei foi gostando dela cada vez mais. Admirava aquela linda menina muda e sua estranha mania: costurar casquinhas de capim.

O rei tentava conversar. A moça não dizia nada. Só olhava e sorria. Mas seu olhar era tão luminoso, seu sorriso tão doce que o rei não aguentou:

- Vou me casar com você!

E já mandou preparar a festa do casamento.

Mesmo depois de casada, a princesa muda continuou fazendo os casaquinhos de capim amarelo. Quando terminou o oitavo descobriu que quase não tinha mais capim. Lembrou-se então de seu sonho. A fada dizia que o capim amarelo também costumava crescer nos cemitérios.

Aquela noite, depois que todos foram dormir, a moça vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante e foi para casa.

Infelizmente, aquela noite um nobre tinha acordado com insônia. Chegando à janela, viu a rainha indo para o cemitério.

O nobre tinha uma filha e um sonho antigo. Ver sua filha casada com o rei. A moça muda para ele era uma intrusa que viera atrapalhar seus planos. **O nobre teve uma ideia. No dia seguinte, foi correndo procurar o rei. Trazia más notícias. Afirmou que a rainha era uma feiticeira.**

O rei não quis acreditar, mas ficou desconfiado com a história do cemitério. Não falou nada com ninguém. Só resolveu ficar atento.

Sem saber de nada, a moça continuou costurando. Quando chegou no décimo casaquinho o capim acabou de novo.

Naquela mesma noite, depois que todos foram dormir, vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante capim e voltou para casa.

Dessa vez, foi seguida pelo marido.

Quando o rei viu a rainha catando capim no cemitério àquela hora da noite não teve dúvidas.

- É feiticeira! – gritou ele espantado. Em seguida, com dor no coração, mandou prender a própria esposa.

A princesa foi a julgamento, acusada de bruxaria.

Para explicar por que estava pegando o capim, a moça teria que falar. Se falasse, matava seus onze e queridos irmãos.

Sem saída, a moça baixou a cabeça e não disse uma palavra.

Acabou julgada e condenada à morte.

Foi para a prisão esperar o dia da execução levando apenas um saco cheio de casaquinhos e um resto de capim.

Chorando e soluçando, com as mãos machucadas, a princesa, sempre silenciosa, continuou a trabalhar e a trabalhar. Estava no último casaquinho.

Poucos dias antes da execução, a princesa escutou um bater de asas. Um cisne com uma coroa na cabeça apareceu na janela. Era um dos seus onze irmãos. O animal espiou pelas grades, arregalou os olhos e foi embora voando.

Naquela noite, os onze homens bateram na porta do castelo. Queriam falar com o rei. Era urgente. Questão de vida ou morte.

Os soldados não quiseram saber de nada. Disseram que era muito tarde. Disseram que o rei estava muito triste. Além disso, àquela hora, já devia estar dormindo.

Quando raiou a madrugada, onze homens, desesperados, se transformaram em cisnes, bateram asas e foram embora.

Chegou o dia da execução.

Por ser considerada bruxa, a princesa rainha ia ser queimada viva. O povo, cheio de tristeza, enchia as ruas da cidade. A rainha era feiticeira! A esposa do rei era bruxa! Aquela moça tão linda! Como podia ser?

Na hora marcada, a moça apareceu de cabeça baixa, escoltada por soldados. Tinha terminado seu trabalho. Carregava um saco nas costas com onze inúteis casaquinhos de capim.

O rei assistia a cena de longe, com os olhos vermelhos de tanto chorar.

De repente, surgiram no ar onze cisnes com coroa de ouro. Os bichos batiam as asas furiosos. Começaram a voar em volta da moça.

O povo ficou assustado. Alguém gritou: - Isso é bruxaria!

A moça gesticulou como se pedisse mais um instante.

O carrasco já estava com a tocha na mão, pronto para acender a fogueira onde se encontrava a moça.

Os cisnes voavam e voavam sem parar. A moça tirou os casaquinhos do saco. Chorava, ria e mostrava os casaquinhos para a plateia.

Ninguém entendia o que estava acontecendo. Parecia que a rainha muda tentava dizer ou fazer alguma coisa.

O rei amava aquela moça. Mal conseguia acreditar que aquela menina tão doce fosse uma feiticeira.

Na dúvida, levantou o braço. **Deu ordem para o carrasco esperar. Foi quando aconteceu uma cena de encantamento e magia.**

Os cisnes pousavam em volta da moça, e ela, delicadamente, ia vestindo, cada um deles, com o casaquinho de capim. Cada casaquinho colocado era um moço que surgia do nada!

A plateia assistia a cena de boca aberta.

Onze moços apareceram na plataforma de madeira. Um deles pediu a palavra. Contou que eram irmãos da princesa. Contou que tinham sido enfeitiçados.

Foi interrompido por uma voz de mulher. Ao terminar de colocar o último casaquinho a moça bonita, a rainha condenada por ser feiticeira, deu um grito: - **Agora já posso falar! O rei ficou maravilhado. Nunca tinha escutado antes a voz da própria esposa.**

A moça bonita estava emocionada. Contou sua história, falou do rei seu pai, falou da morte de sua mãe, de sua madrasta e do feitiço que transformou seus onze irmãos em cisnes. Chorou. Falou da viagem pendurada numa rede. Falou do sonho e da fada. Falou de noites e dias costurando casaquinhos de capim.

O rei mandou suspender a execução. Correu para abraçar a mulher.

- Minha querida!

Em seguida, mandou selar treze cavalos e partiu a galope para o reino onde vivia seu sogro, o pai da moça bonita, a rainha.

Ao ver os doze filhos de volta, o velho monarca deu um pulo do trono e começou a chorar de alegria.

Quando soube que sua mulher tinha feito o que fez, não pensou duas vezes:

- Vai pra prisão e de lá só sai no dia de são-nunca!

O marido da princesa confessou que estava muito feliz por finalmente poder conversar com sua mulher. Estava também contente por conhecer seu sogro e seus onze cunhados. Teve uma ideia:

- Vamos começar tudo outra vez? – perguntou ele abraçando a mulher. **E mandou dar outra festa de casamento, muito mais linda e muito mais colorida do que a primeira.**

Só quem foi esteve lá
Quem não foi, deixou de ir
Quem gostou achou legal
Quem não gostou, se deu mal!

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79.

Conhecidas as ideias centrais, na organização dos acontecimentos narrativos, elaboramos as perguntas (e sugestões de respostas) de respostas textuais, inferenciais e interpretativas.

Atividade

Orientador de atividades: *nossa sugestão é que o processo de leitura seja realizado da seguinte forma: o orientador solicita que a criança leia o texto, de forma individual e silenciosa ou que uma das crianças do grupo leia o texto em voz alta para acompanhamento das demais. Faz-se importante que cada orientador avalie a melhor ação diante dos participantes e de seu contexto específico. Depois, o orientador faz a leitura do texto, em voz alta, para o grupo, dividindo o texto conforme o esquema narrativo que o forma: situação inicial, conflitos, situação final, conforme expomos a seguir:*

Quadro 4 – Parte 1: A situação inicial e a complicação

Os onze cisnes da princesa (Ricardo Azevedo)

Era uma vez um rei que tinha onze filhos e uma filha.
Um dia o rei ficou viúvo e, tempos depois, casou-se de novo.
Mal sabia ele que sua nova esposa além de muito bonita era uma terrível e cruel feiticeira.
A rainha simplesmente detestava os doze filhos do rei.
Tanto que, assim que pôde, deu um jeito de enviar a princesa para longe. Inventou uma desculpa. Convenceu o rei que seria bom para a menina passar um tempo vivendo no campo. E assim, a princesa acabou indo morar numa fazenda distante.
Com os meninos, a rainha bruxa fez pior.
Aproveitando-se de que o rei tinha ido viajar, fez um feitiço e transformou os pobres príncipes em onze cisnes. Assustados e confusos, os filhos do rei bateram as asas e foram embora.
Quando soube do desaparecimento dos filhos, o rei chorou e soluçou. Como era possível aquilo? E perguntou. E investigou. E mandou a polícia e mandou o exército procurarem por todos os contos e recantos. Infelizmente, ninguém sabia de nada. Infelizmente, os príncipes nunca mais voltaram.
Os anos se passaram. A filha do rei veio fazer uma visita. Tinha virado uma moça muito bonita. Ao ver a beleza da princesa, a rainha feiticeira, cheia de inveja e ciúme, logo armou um plano.
Chamou a menina. Disse que a viagem tinha sido muito longa e seria melhor tomar banho antes de ver o pai.
A pobre menina, inocente, aceitou.
A rainha bruxa chamou três sapos.
Disse ao primeiro:
- Quando a princesa estiver no banho, pule em sua cabeça. Assim ela vai ficar com pensamentos de sapo!

Disse para o segundo:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu rosto. Assim ela vai ficar com cara de sapo!

Disse para o terceiro:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu coração. Assim ela vai ficar com sentimentos de sapo! A mulher caiu na gargalhada. Os sapos foram se esconder no fundo da banheira.

A filha do rei entrou na água, tomou banho e não aconteceu nada. Quando saiu da banheira deixou três rosas boiando na água.

Furiosa, ao perceber que seu feitiço não tinha funcionado, a rainha agarrou a menina e passou graxa e terra em seu corpo.

Só então a princesa foi levada ao rei.

[...]

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79.

Perguntas com respostas no texto:

1. O conto começa falando sobre quem? Conte um pouco da história inicial desse personagem.

Sugestão de resposta: O conto começa falando sobre o rei. Ele tinha onze filhos e uma filha. Um dia a esposa do rei faleceu e ele, depois de algum tempo, casou-se novamente.

2. O que o rei não sabia sobre a nova esposa?

Sugestão de resposta: O rei não sabia que a nova esposa era uma bruxa feiticeira. Sabia apenas que ela era muito bonita.

3. O que a nova rainha fez com os filhos do rei logo depois de casar-se?

Sugestão de resposta: Logo depois de casar-se com o rei, a rainha demonstrou detestar seus filhos. Por isso, enviou a princesa para morar em uma fazenda bem longe, convencendo o rei que isso faria bem para a filha dele. Para os filhos, a rainha bruxa aproveitou a ausência do rei, devido a uma viagem, fez um feitiço e os transformou em onze cisnes.

4. Após alguns anos a princesa veio visitar o pai. Quando a madrasta viu que a princesa virou uma linda moça, como ela reagiu e o que fez para a princesa?

Sugestão de resposta: Após alguns anos, quando a princesa veio visitar o pai, a madrasta ficou enciumada e com inveja da beleza da princesa. Assim, ela armou um plano para que o rei não encontrasse a filha tão linda como ela estava, podendo até mesmo duvidar de que aquela era mesmo a princesa.

Perguntas com respostas inferenciais:

5. O plano inicial da madrasta foi bem-sucedido? O que ela fez com a princesa?

Sugestão de resposta: O plano inicial da madrasta não foi bem-sucedido. Por isso ela executou um segundo plano, já que a princesa, ao sair da banheira, deixou três rosas boiando na água, ou seja, transformou o feitiço em coisa boa. Diante disso, a madrasta ficou furiosa e resolveu fazer a maldade com as próprias mãos, sujou todo o corpo da princesa com terra e graxa.

6. Por que a rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina?

Sugestão de resposta: A rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina para que o rei não a reconhecesse e ela não perdesse seu lugar de destaque na vida dele.

Quadro 5 – Parte 2: As ações que encaminham para a resolução do conflito

[...]
 Ao vê-la nesse estado, o homem ficou furioso. Mandou tirar a menina dali. Gritou. Disse que aquele monstrengo não era sua filha de jeito nenhum.
 A moça chorou, mas com medo da madrasta, não conseguiu explicar nada.
 Aquela noite, a princesa decidiu que era melhor fugir do castelo. Esperou todo mundo dormir, saiu pela janela, pegou a estrada e foi andando.
 O dia raiou. A princesa estava cansada. Sentou-se debaixo de uma árvore e começou a chorar. Suas lágrimas caíam, caíam e pouco a pouco seu rosto foi ficando limpo e lindo de novo.
 Dentro dela, entretanto, formou-se um plano. Não adiantava voltar para o castelo de seu pai, pois não tinha forças para enfrentar a bruxa feitiçeira. Também não adiantava ficar ali sozinha chorando à toa.
 Decidiu que não ia sossegar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. Pensou isso e partiu. Andou, andou, andou e um dia encontrou um mendigo que viajava pelo mundo. O homem andava enrolado numa pele grossa. A menina perguntou a ele se, por acaso, não tinha visto onze príncipes nos lugares por onde tinha passado.
 - Não vi, não – respondeu o mendigo. – Mas vi onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça.
 A menina arregalou os olhos:
 - Só podem ser eles!
 O homem explicou que tinha visto os cisnes num lago ali perto. A princesa agradeceu, foi até o lago e ficou esperando escondida atrás de um arbusto.
 Quando o fim da tarde chegou, onze lindos cisnes surgiram voando no espaço. Vieram planando devagar e logo pousaram na terra, correram para a lagoa e ficaram nadando.
 Os onze cisnes tinham coroas de ouro no alto da cabeça.
 [...]

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79.

Perguntas com resposta no texto:

7. O que aconteceu quando o rei viu a princesa toda suja?

Sugestão de resposta: Quando o rei viu a princesa toda suja, ele não a reconheceu como filha. Gritando, mandou que levassem o monstrengo para longe.

8. Como a princesa se sentiu não sendo reconhecida pelo pai? Ela ficou no castelo ou fugiu?

Sugestão de resposta: Não sendo reconhecida pelo pai, a princesa chorou, mas nem se deu ao trabalho de tentar convencê-lo, pois sentia medo da madrasta, então fugiu do castelo.

9. Após fugir do castelo, quais as decisões que a princesa tomou?

Sugestão de resposta: Após fugir do castelo a princesa tomou três decisões: 1) não voltar para o castelo porque não tinha forças para enfrentar a rainha bruxa; 2) parar de chorar porque isso não resolveria nada e 3) não iria descansar enquanto não encontrasse seus onze irmãos.

Perguntas com resposta inferencial:

10. Ao tomar essas decisões, quais as qualidades que a princesa demonstrou ter? Explique.

Sugestão de resposta: Ao tomar essas decisões a princesa demonstrou ter racionalidade, coragem e persistência.

Perguntas com resposta interpretativa:

11. Diante de problemas, todas as pessoas reagem com inteligência, racionalidade e coragem? Explique.

Sugestão de resposta: Diante de problemas, cada pessoa reage de uma maneira. Nem todos conseguem reagir com inteligência, racionalidade e coragem.

Quadro 6 – Parte 3: A resolução e a situação final

[...]

Quando a escuridão da noite caiu, não se sabe como, os cisnes se transformaram em gente, a princesa sorriu encantada. Eram seus queridos irmãos. Saiu correndo de trás da moita e abraçou os irmãos que também ficaram muito felizes.

- Quanto tempo! Que saudade! Que bom ver vocês!

Aquela noite, os doze irmãos nem dormiram. Passaram o tempo todo conversando e trocando ideias. Todos falaram mal da rainha. Ela era a culpada de tudo. Ela tinha poderes mágicos. Ela queria acabar com eles. Mas, o que fazer?

Os irmãos da princesa contaram que só tinham forma de gente durante a noite. De dia, viravam cisnes novamente.

Explicaram que precisavam ter muito cuidado ao voar. Se, por acaso, estivessem voando e a noite caísse de repente, podiam virar gente no ar, despencar lá do alto e morrer.

Os onze príncipes moravam num reino distante. Para chegar até lá era preciso atravessar o mar durante dois dias.

- A sorte – disse um deles – é que no meio do caminho existe uma ilha de pedra. Quando a

noite chega, aterrissamos na ilha, viramos gente de novo e ali passamos a noite. No dia seguinte, logo cedo, prosseguimos a viagem.

Mas os irmãos estavam preocupados:

- Amanhã é nosso último dia por aqui – explicou um deles. – Nosso prazo terminou. Temos que voltar para nossa casa. Só voltaremos daqui a um ano.

Dizendo que viviam num reino muito bonito, os príncipes convidaram a irmã a ir com eles para lá.

- Mas como? – perguntou a menina.

Os irmãos da princesa arranjaram corda e construíram uma rede, como essas de pescador.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, os onze cisnes bateram asas e, juntos, levantaram voo puxando a rede. Dentro, presa entre as cordas, lá foi a princesa.

Que viagem estranha e bonita!

Agarrada nas cordas da rede a princesa ia olhando a vida e o mundo lá do alto.

Olhava para cima e via onze cisnes com coroas de ouro na cabeça movendo suas asas elegantes.

Olhava para baixo e via o castelo onde tinha nascido, lá longe, a fazenda onde tinha morado, via montanhas, cidades, florestas, muitos caminhos e, principalmente, o mar.

Sim, porque de repente, olhando para baixo, só se via o mar.

E o tempo foi passando.

A princesa olhava para cima. Percebia que os irmãos estavam cada vez mais cansados. Batiam as asas com dificuldade. O pior é que ainda não dava para ver nenhuma ilha de pedra.

A força dos cisnes começou a acabar. O esforço era grande demais. A menina, pendurada na rede, sentiu que estava correndo perigo. Cansados, seus irmãos começavam a descer perigosamente chegando perto das ondas violentas do mar.

- Sou a culpada de tudo! – pensou a menina. – Se não estivessem me carregando, já tinham alcançado a ilha faz tempo.

A noite também foi caindo.

De repente, na linha do horizonte, surgiu um ponto.

- Força – gritou a princesa. – Falta pouco!

Era uma ilha.

Num esforço desesperado, os onze cisnes bateram e bateram asas gastando as últimas energias. No fim, conseguiram aterrissar. Logo depois, a escuridão tomou conta de tudo e os cisnes viraram gente de novo.

Daquela vez, os onze irmãos não quiseram saber de conversa. Estavam exaustos. Dormiram a noite inteira para recuperar as forças. No dia seguinte, logo cedo, agarraram a rede, alçaram voo e, antes do final da tarde, chegaram a seu destino.

Os cisnes moravam numa gruta, no alto de um morro. O lugar era mesmo muito bonito.

Naquela noite, depois do jantar, o irmão mais velho disse à moça:

-Experimente sonhar.

- Sonhar? – perguntou a princesa sem compreender.

- Quem sabe no sonho – continuou o irmão – surja alguma ideia, uma mensagem que ajude a gente a quebrar esse feitiço.

- Sim! É a nossa única chance – disseram os outros.

A princesa resolveu tentar.

Aquela noite, sonhou que tinha asas e estava voando no azul do céu. Chegou ao castelo de uma fada e lá conversou muito com ela. No sonho, a fada disse que tinha um jeito de quebrar o encanto que escravizava seus irmãos. Contou que em volta da gruta onde os cisnes viviam havia um certo capim amarelo. O tal capim, completou a fada, no sonho, também costumava nascer nos cemitérios.

Sempre no sonho, a fada explicou que a moça teria que colher bastante daquele capim, o suficiente para fazer com aquele capim onze casaquinhos. Quando estivessem prontos, era só vestir os cisnes que o encanto se quebrava. Mas tinha um porém.

- Se quiser mesmo quebrar o encanto – disse a fada - a partir do momento que você começar a colher o capim, não vai mais poder falar nenhuma palavra com seus irmãos nem com ninguém. Nem uma sílaba sequer.

Enquanto seus onze irmãos não desencantasses, a princesa precisaria fingir que era muda.

- Preste bem atenção – insistiu a fada. – Se uma palavra sair de sua boca, enquanto os casacos não estiverem prontos e colocado nos cisnes, essa palavra vai virar uma faca afiada e cortar o pescoço dos onze cisnes!

A moça acordou daquele sonho apavorada.

Saiu fora da gruta. Queria falar com os irmãos, mas eles tinham saído. Olhou em volta. Viu o tal capim amarelo. Não tinha um minuto a perder.

- É agora ou nunca! – gritou ela.

E começou a catar capim.

Quando a noite caiu, os irmãos voltaram e foram logo conversar com a irmã. Encontraram a princesa diferente. Quieta. Muda. Sem dizer nada. Os irmãos estranharam.

- Só se nossa madrastra esteve aqui e fez algum feitiço!

A princesa só catava capim e, em silêncio, jogava dentro de um saco. Os irmãos chegaram a pensar que a pobre moça tinha enlouquecido.

No fim, o mais velho desconfiou:

- Já sei! Foi o sonho! Ela está fazendo uma coisa que aprendeu no sonho! Ela deve estar trabalhando para nos salvar!

Os olhos da princesa brilharam de alegria e assim os príncipes tiveram certeza.

O jeito era deixar a linda menina trabalhar.

E assim foi.

Todos os dias, a filha do rei acordava cedo e já ia colher capim. Não demorou muito, suas mãos estavam machucadas de tanta trabalhadeira.

Os irmãos choravam, tentavam conversar, tentavam compreender, mas a menina abaixava a cabeça e não dizia nada.

Depois de colher uma boa quantidade de capim, a moça achou que estava na hora de costurar os casaquinhos.

Uma tarde, estava trabalhando dentro da gruta, quando apareceu um cavaleiro. O rapaz desceu do cavalo. Examinou a princesa. Ficou encantado. Nunca tinha visto uma moça assim tão bonita.

Apresentou-se. Disse que era o rei. Disse que todas aquelas terras eram dele. A moça não disse nada.

O rei perguntou o que ela estava fazendo.

A princesa não podia falar uma palavra.

O rei mandou trazer uma carruagem. Disse que ia levar a moça bonita para o palácio.

Sem saber o que fazer, a princesa sentiu que era melhor obedecer. Pegou o saco cheio de capim e os três casaquinhos que já tinha feito e subiu na carruagem.

Apesar de a moça ser tão quieta, o rei foi gostando dela cada vez mais. Admirava aquela linda menina muda e sua estranha menina: costurar casquinhos de capim.

O rei tentava conversar. A moça não dizia nada. Só olhava e sorria. Mas seu olhar era tão luminoso, seu sorriso tão doce que o rei não aguentou:

- Vou me casar com você!

E já mandou preparar a festa do casamento.

Mesmo depois de casada, a princesa muda continuou fazendo os casaquinhos de capim amarelo. Quando terminou o oitavo descobriu que quase não tinha mais capim. Lembrou-se então de seu sonho. A fada dizia que o capim amarelo também costumava crescer nos cemitérios.

Aquela noite, depois que todos foram dormir, a moça vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante e foi para casa.

Infelizmente, aquela noite um nobre tinha acordado com insônia. Chegando à janela, viu a rainha indo para o cemitério.

O nobre tinha uma filha e um sonho antigo. Ver sua filha casada com o rei. A moça muda para ele era uma intrusa que viera atrapalhar seus planos. O nobre teve uma ideia. No dia seguinte, foi correndo procurar o rei. Trazia más notícias. Afirmou que a rainha era uma feiticeira.

O rei não quis acreditar, mas ficou desconfiado com a história do cemitério. Não falou nada com ninguém. Só resolveu ficar atento.

Sem saber de nada, a moça continuou costurando. Quando chegou no décimo casaquinho o capim acabou de novo.

Naquela mesma noite, depois que todos foram dormir, vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante capim e voltou para casa.

Dessa vez, foi seguida pelo marido.

Quando o rei viu a rainha catando capim no cemitério àquela hora da noite não teve dúvidas.

- É feiticeira! – gritou ele espantado. Em seguida, com dor no coração, mandou prender a própria esposa.

A princesa foi a julgamento, acusada de bruxaria.

Para explicar por que estava pegando o capim, a moça teria que falar. Se falasse, matava seus onze e queridos irmãos.

Sem saída, a moça baixou a cabeça e não disse uma palavra.

Acabou julgada e condenada à morte.

Foi para a prisão esperar o dia da execução levando apenas um saco cheio de casaquinhos e um resto de capim.

Chorando e soluçando, com as mãos machucadas, a princesa, sempre silenciosa, continuou a trabalhar e a trabalhar. Estava no último casaquinho.

Poucos dias antes da execução, a princesa escutou um bater de asas. Um cisne com uma coroa na cabeça apareceu na janela. Era um dos seus onze irmãos. O animal espiou pelas grades, arregalou os olhos e foi embora voando.

Naquela noite, os onze homens bateram na porta do castelo. Queriam falar com o rei. Era urgente. Questão de vida ou morte.

Os soldados não quiseram saber de nada. Disseram que era muito tarde. Disseram que o rei estava muito triste. Além disso, àquela hora, já devia estar dormindo.

Quando raiou a madrugada, onze homens, desesperados, se transformaram em cisnes, bateram asas e foram embora.

Chegou o dia da execução.

Por ser considerada bruxa, a princesa rainha ia ser queimada viva. O povo, cheio de tristeza, enchia as ruas da cidade. A rainha era feiticeira! A esposa do rei era bruxa! Aquela moça tão linda! Como podia ser?

Na hora marcada, a moça apareceu de cabeça baixa, escoltada por soldados. Tinha terminado seu trabalho. Carregava um saco nas costas com onze inúteis casaquinhos de capim.

O rei assistia a cena de longe, com os olhos vermelhos de tanto chorar. De repente, surgiram no ar onze cisnes com coroa de ouro. Os bichos batiam as asas, furiosos. Começaram a voar em volta da moça.

O povo ficou assustado. Alguém gritou: - Isso é bruxaria!

A moça gesticulou como se pedisse mais um instante.

O carrasco já estava com a tocha na mão, pronto para acender a fogueira onde se encontrava a moça.

Os cisnes voavam e voavam sem parar. A moça tirou os casaquinhos do saco. Chorava, ria e mostrava os casaquinhos para a plateia.

Ninguém entendia o que estava acontecendo. Parecia que a rainha muda tentava dizer ou fazer alguma coisa.

O rei amava aquela moça. Mal conseguia acreditar que aquela menina tão doce fosse uma feiticeira.

Na dúvida, levantou o braço. Deu ordem para o carrasco esperar. Foi quando aconteceu uma cena de encantamento e magia.

Os cisnes pousavam em volta da moça, e ela, delicadamente, ia vestindo, cada um deles, com o casaquinho de capim. Cada casaquinho colocado era um moço que surgia do nada!

A plateia assistia a cena de boca aberta.

Onze moços apareceram na plataforma de madeira. Um deles pediu a palavra. Contou que eram irmãos da princesa. Contou que tinham sido enfeitiçados.

Foi interrompido por uma voz de mulher. Ao terminar de colocar o último casaquinho a moça bonita, a rainha condenada por ser feiticeira, deu um grito: - Agora já posso falar! O rei ficou maravilhado. Nunca tinha escutado antes a voz da própria esposa.

A moça bonita estava emocionada. Contou sua história, falou do rei seu pai, falou da morte de sua mãe, de sua madrasta e do feitiço que transformou seus onze irmãos em cisnes. Chorou. Falou da viagem pendurada numa rede. Falou do sonho e da fada. Falou de noites e dias costurando casaquinhos de capim.

O rei mandou suspender a execução. Correu para abraçar a mulher.

- Minha querida!

Em seguida, mandou selar treze cavalos e partiu a galope para o reino onde vivia seu sogro, o pai da moça bonita, a rainha.

Ao ver os doze filhos de volta, o velho monarca deu um pulo do trono e começou a chorar de alegria.

Quando soube que sua mulher tinha feito o que fez, não pensou duas vezes:

- Vai pra prisão e de lá só sai no dia de são-nunca!

O marido da princesa confessou que estava muito feliz por finalmente poder conversar com sua mulher. Estava também contente por conhecer seu sogro e seus onze cunhados. Teve uma ideia:

- Vamos começar tudo outra vez? – perguntou ele abraçando a mulher. E mandou dar outra festa de casamento, muito mais linda e muito mais colorida do que a primeira.

Só quem foi esteve lá Quem não foi, deixou de ir Quem gostou achou legal Quem não gostou, se deu mal!

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79.

Perguntas com resposta no texto:

12. O que aconteceu quando a princesa conseguiu encontrar os onze irmãos?

Sugestão de resposta: Quando a princesa conseguiu encontrar os irmãos, eles ficaram muito felizes e passaram a noite conversando, contando que se transformavam em cisnes somente de dia, lembrando-se das maldades da rainha bruxa e de que a culpa por estarem nessa situação era dela. Ao final, decidiram fazer alguma coisa para desfazer o feitiço.

13. Como a princesa achou a solução para quebrar o feitiço que a bruxa colocou sobre os irmãos?

Sugestão de resposta: Para quebrar o feitiço que a bruxa colocou sobre os irmãos, a princesa recebeu um conselho do mais velho dos irmãos. O conselho era para que ela sonhasse e, assim, tentasse descobrir algum caminho para quebrar o feitiço da bruxa. No sonho, a princesa achou a solução.

14. No sonho, a fada disse que a princesa poderia quebrar o feitiço, mas tinha um risco a correr, ela não poderia, até acabar com o feitiço, conversar mais. Ninguém poderia ouvir a voz dela. Se ela falasse, seus irmãos teriam as cabeças cortadas. A princesa seguiu o sonho?

Sugestão de resposta: A princesa seguiu o sonho, mesmo correndo risco de seus irmãos terem as cabeças cortadas, caso ela falasse com alguém.

Perguntas com resposta inferencial:

15. Por que a princesa se arriscou pelos irmãos?

Sugestão de resposta: A princesa se arriscou pelos irmãos para quebrar o feitiço que a madrasta havia jogado sobre eles, e principalmente, porque os amava.

16. Ao seguir o seu sonho, novamente a princesa demonstrou ter quais qualidades?

Sugestão de resposta: Ao seguir o seu sonho, a princesa demonstrou ter coragem, inteligência, persistência, compaixão, amor.

Perguntas com resposta no texto:

17. O que aconteceu um dia enquanto a princesa estava a costurar os casaquinhos para desfazer o feitiço dos irmãos? Quem apareceu na história e o que ele fez?

Sugestão de resposta: Um dia, enquanto a princesa estava costurando os casaquinhos para desfazer o feitiço dos irmãos, apareceu um cavaleiro que ficou encantado com a princesa e a levou para o seu castelo.

18. Não morando mais na ilha, quando acabou o capim para fazer os casaquinhos, onde a princesa foi colhê-los?

Sugestão de resposta: Quando acabou o capim para fazer os casaquinhos, a princesa foi colhê-los no cemitério. A princesa fazia isso na calada da noite, para não ser vista e questionada sobre porque fazia casados com capim.

19. Quando um vizinho viu a princesa entrando no cemitério, a noite, e vestindo uma capa, ele foi dizer ao rei marido dela, que ela era uma feiticeira. Quando o rei foi investigar isso, o que ele viu e fez?

Sugestão de resposta: quando o rei foi investigar, ele viu a princesa entrando no cemitério e concluiu que ela era mesmo uma feiticeira, por isso mandou que a prendessem.

Perguntas com resposta inferencial:

20. Mesmo correndo o risco de morte, a princesa não voltou a falar. Por que ela fez isso?

Sugestão de resposta: A princesa, mesmo correndo o risco de morte, não voltou a falar para preservar a vida dos seus irmãos.

21. O que fez o rei, pai da princesa e dos onze príncipes, quando eles foram lá e contaram tudo que a rainha bruxa tinha feito e pelas situações que eles passaram?

Sugestão de resposta: O rei, pai da princesa e dos onze príncipes, ao saber de tudo que a rainha bruxa tinha feito, mandou prendê-la para não sair nunca.

Perguntas com resposta interpretativa:

22. Você acredita que a princesa sofreu situações de injustiça na história? Em que momentos?

Resposta pessoal.

23. Você já viveu situações de injustiças? Explique.

Resposta pessoal.

24. A rainha bruxa e o vizinho interesseiro eram pessoas muito invejosas, você conhece pessoas invejosas, ao ponto de fazerem mal para os outros por conta de inveja? Explique sua resposta.

Resposta pessoal.

25. Como você identifica quando uma pessoa é invejosa?

Resposta pessoal.

26. A princesa, mesmo passando por tantas situações de sofrimento, não deixou de fazer o possível para ajudar seus irmãos. Muitas pessoas que você conhece são corajosas assim e se preocupam em ajudar os outros?

Resposta pessoal.

27. Você é uma pessoa corajosa: corre atrás para realizar os seus sonhos?

Resposta pessoal.

As perguntas 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 17, 18 e 19 são de resposta textual. São perguntas em que a resposta são apenas uma cópia de trechos do texto, o leitor as identifica no texto, mas as constrói a partir de um nível de compreensão. Destacamos que esse tipo de questão aparece em maior quantidade, depois, se intercala com as inferenciais para dar lugar à construção de uma criticidade maior na elaboração de respostas interpretativas. Contudo, o aspecto quantitativo depende muito do gênero em abordagem, da extensão do texto, do objetivo da interação, da idade dos participantes etc.

As perguntas 5, 6, 10, 15, 16, 20 e 21 são de respostas inferenciais. Embora ligadas ao texto de forma explícita, “o leitor precisa relacionar os elementos do texto, estabelecendo algum tipo de inferência” (FUZA; MENEGASSI, 2018, p. 20). Elas são muito importantes para dar início ao processo de ligação da temática à vida, aos anseios, às crenças e às experiências do leitor, em um movimento idiossincrático.

Já as perguntas 11, 22, 23, 24, 25, 26 e 27 são de respostas interpretativas.

4.1.3 Terceiro bloco – após a leitura

Atividade

28. Do que trata o texto que você leu?

Essa é uma pergunta feita após a leitura completa do texto e as respostas das questões de leitura. No processo de ordenação e sequencição, essa pergunta vem como a última, pois o leitor já chegou à etapa de interpretação do texto: já aprendeu a trabalhar com o texto, fazendo buscas e agregando informações a ele; já estabeleceu relações entre o que leu e suas experiências e expectativas; e também já produziu sentidos ao texto. Agora, o leitor responderá mais ativamente ao texto.

Orientador de atividades: solicite que o leitor una todas as respostas em um único texto, sem preocupar-se, nesse primeiro momento, na organização de parágrafos, apenas realizando uma justaposição das respostas. Depois, em uma segunda versão, é preciso excluir as partes desnecessárias (repetições, incoerências sintáticas geradas pela justaposição das respostas). Na sequência, na segunda versão ou em uma terceira, incluir elementos que deixem a produção textual coerente: conjunções temporais, lógicas, argumentativas; elementos coesivos etc.

É importante salientar que essa é uma estratégia de ensino utilizada enquanto o leitor ainda está em fase de formação, pois utilizá-la como método frequente para produção de resumos ou sínteses acaba tolhendo a capacidade criativa que se espera do leitor/produtor (MENEGASSI; ANGELO, 2010).

Na sequência, apresentamos uma primeira versão do texto/resposta à pergunta 28, apenas justapondo as respostas sugeridas, a título de exemplificação.

Tabela 1 – Versão inicial da resposta/texto

Texto escrito por justaposição
1. O conto começa falando sobre o rei. Ele tinha onze filhos e uma filha. Um dia a esposa do rei faleceu e ele, depois de algum tempo, casou-se novamente. 2. O rei não sabia que a nova esposa era uma bruxa feiticeira. Sabia apenas que ela era muito bonita. 3. Logo depois de casar-se com o rei, a rainha demonstrou detestar seus filhos. Por isso, enviou a princesa para morar em uma fazenda bem longe, convencendo o rei que isso faria bem para a filha dele. Para os filhos, a rainha bruxa aproveitou a ausência do rei, devido a uma viagem, fez um feitiço e os transformou em onze cisnes. 4. Após alguns anos, quando a princesa veio visitar o pai, a madrasta ficou enciumada e com inveja da beleza da princesa. Assim, ela armou um plano para que o rei não encontrasse a

filha tão linda como ela estava podendo até mesmo duvidar de que aquela era mesmo a princesa. **5.** O plano inicial da madrasta não foi bem-sucedido, por isso ela executou um segundo plano, já que a princesa, ao sair da banheira, deixou três rosas boiando na água, ou seja, transformou o feitiço em coisa boa. Diante disso, a madrasta ficou furiosa e resolveu fazer a maldade com as próprias mãos, sujou todo o corpo da princesa com terra e graxa. **6.** A rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina para que o rei não a reconhecesse e ela não perdesse seu lugar de destaque na vida dele. **7.** Quando o rei viu a princesa toda suja, ele não a reconheceu como filha. Gritando, mandou que levassem o monstro para longe. **8.** Não sendo reconhecida pelo pai, a princesa chorou, mas nem se deu ao trabalho de tentar convencê-lo, pois sentia medo da madrasta, então fugiu do castelo. **9.** Após fugir do castelo a princesa tomou três decisões: 1ª não voltar para o castelo porque não tinha forças para enfrentar a rainha bruxa; 2ª parar de chorar porque isso não resolveria nada e 3ª não iria descansar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. **10.** Ao tomar essas decisões a princesa demonstrou ter racionalidade, coragem e persistência. **11.** Diante de problemas, cada pessoa reage de uma maneira. Nem todos conseguem reagir com inteligência, racionalidade e coragem. **12.** Quando a princesa conseguiu encontrar os irmãos, eles ficaram muito felizes e passaram a noite conversando, contando que se transformavam em cisnes somente de dia, lembrando das maldades da rainha bruxa e de que a culpa por estarem nessa situação era dela. Ao final, decidiram fazer alguma coisa para desfazer o feitiço. **13.** Para quebrar o feitiço que a bruxa colocou sobre os irmãos, a princesa recebeu um conselho do mais velho dos irmãos. O conselho era para que ela sonhasse e, assim, tentasse descobrir algum caminho para quebrar o feitiço da bruxa. No sonho, a princesa achou a solução. **14.** A princesa seguiu o sonho, mesmo correndo risco de seus irmãos terem as cabeças cortadas, caso ela falasse com alguém. **15.** A princesa se arriscou pelos irmãos para quebrar o feitiço que a madrasta havia jogado sobre eles, e principalmente, porque os amava. **16.** Ao seguir o seu sonho, a princesa demonstrou ter coragem, inteligência, persistência, compaixão, amor. **17.** Um dia, enquanto a princesa estava costurando os casaquinhos para desfazer o feitiço dos irmãos, apareceu um cavaleiro que ficou encantado com a princesa e a levou para o seu castelo. **18.** Quando acabou o capim para fazer os casaquinhos, a princesa foi colhê-los no cemitério. A princesa fazia isso na calada da noite, para não ser vista e questionada sobre porque fazia casados com capim. **19.** Quando o rei foi investigar, ele viu a princesa entrando no cemitério e concluiu que ela era mesmo uma feiticeira, por isso mandou que a prendessem. **20.** A princesa, mesmo correndo o risco de morte, não voltou a falar para preservar a vida dos seus irmãos. **21.** O rei, pai da princesa e dos onze príncipes, ao saber de tudo que a rainha bruxa tinha feito, mandou prendê-la para não sair nunca.

Fonte: a pesquisadora.

Apresentamos uma versão final da resposta à questão 28, que elaboramos a partir do que consideramos um parâmetro do que se espera que os participantes produzam ao final de todo o trabalho.

Tabela 2 – Versão final da resposta/texto

O personagem apresentado logo no início do conto é o rei. Ele tinha onze filhos e uma filha. Mas um dia sua esposa faleceu e ele, depois de algum tempo, encontrou outra mulher e casou-se novamente. A nova esposa do rei era uma bruxa feiticeira, mas disso ele não sabia. Sabia apenas que ela era muito bonita. Ao entrar para a família real, a rainha detestou os filhos do rei. Por isso, enviou a princesa para morar em uma fazenda bem longe, convencendo o rei que isso faria bem para sua filha. Para os filhos, a rainha bruxa aproveitou a ausência do rei devido a uma viagem, fez um feitiço e os transformou em onze cisnes. Ao serem transformados em cisnes, os meninos ficaram assustados e confusos, bateram asas e foram embora. Quando o rei retornou da viagem, ele quis saber de seus filhos, mas apesar de mandar até o exército procurar por eles, não obteve nenhuma resposta, ficando sem saber de nada. O rei chorou muito pelo desaparecimento dos seus meninos. Após alguns anos, ao se deparar com a princesa que havia vindo visitar o pai, a madrasta ficou enciumada e com inveja de sua beleza. Assim, ela armou um plano para que o rei não a encontrasse tão linda desconfiando que aquela moça fosse mesmo sua filha. A esposa do rei agia dessa forma porque era uma pessoa má, cheia de sentimentos destrutivos, como a inveja e o ciúme. O plano traçado pela madrasta foi convencer a princesa que deveria tomar um banho

antes de ver seu pai, assim a madrasta escondeu 3 sapos na banheira e ordenou que cada um pulasse em uma parte do corpo dela e transformasse-a em uma moça com pensamentos, cara e sentimentos de sapo. O plano da madrasta não foi bem-sucedido e a princesa, ao sair da banheira, ainda deixou três rosas boiando na água. Diante disso, a madrasta ficou furiosa por seu feitiço não ter dado certo e resolveu fazer a maldade com as próprias mãos, sujando todo o corpo da princesa com terra e graxa. A rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina para que o rei não a reconhecesse e ela não perdesse seu lugar de destaque na vida dele. Ao levarem a menina toda suja para o rei, ele não a reconheceu como filha. Gritando, mandou que levassem o monstro para longe. Não tendo o reconhecimento do pai, a princesa chorou. Ela nem se deu ao trabalho de tentar convencê-lo pois sentia medo da madrasta. A princesa se sentiu acuada, com medo da madrasta. Com a sensação de impotência, pois nada que dissesse para convencer o rei que ela era mesmo a sua filha, resolveria. Caminhando, cansada, a princesa tomou três decisões: 1ª não voltar para o castelo porque não tinha forças para enfrentar a rainha bruxa; 2ª parar de chorar porque isso não resolveria nada e 3ª não iria descansar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. A princesa conseguiu encontrar seus irmãos depois de muitas andanças. No caminho à procura pelos onze príncipes, ela encontrou um mendigo e lhe perguntou se não havia visto os meninos. O mendigo lhe respondeu negativamente, porém, afirmou que havia visto onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça em um lago por perto. Logo, a princesa imaginou que poderiam ser seus irmãos. Foi até o lago e escondeu-se atrás de um arbusto. Ao entardecer, viu chegando os onze cisnes brancos com coroas nas cabeças. Ao anoitecer, como em um passe de mágica, os onze cisnes se transformaram em gente. Foi então que a princesa se apresentou radiante. Eles ficaram muito felizes por terem se reencontrado e passaram a noite conversando: contando que se transformavam em cisnes durante o dia e em gente, ao cair da noite; lembrando das maldades da rainha bruxa e de que a culpa por estarem nessa situação era dela. Os filhos do rei, ao serem transformados em cisnes, foram morar em um reino distante, o qual se demorava dois dias para chegar até ele, tendo que atravessar o mar. Diziam que para sorte deles, havia no meio desse caminho uma ilha de pedra, onde, ao cair da noite, poderiam parar e descansar, já que nas noites voltavam a ser gente. A princesa chegou a conhecer o reino onde seus irmãos estavam morando. Era uma gruta, no alto de um morro.

Fonte: [a pesquisadora](#).

Apresentada a nossa proposta de leitura diagnóstica, passaremos a seguir a demonstrar a análise que realizamos sobre as respostas dadas pelos participantes.

5 ANÁLISE DA PROPOSTA DE LEITURA DIAGNÓSTICA IMPLEMENTADA

Como relatamos, nossa proposta de leitura foi formada pelo conto maravilhoso “Os onze cisnes da princesa”, de Ricardo Azevedo, e um conjunto de perguntas de leitura. Para a construção das perguntas, desdobramos o conto em três momentos, seguindo o esquema da sequência narrativa que o constitui, pautados na apresentação de Bronckart (2012) que contempla: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final; depois, construímos perguntas e sugestões de resposta para cada um dos três momentos da narrativa. No entanto, ao entregarmos as atividades aos participantes, tal separação não estruturou o texto oferecido a eles.

Para a análise das respostas produzidas, tomamos como categoria as respostas por nós elaboradas, uma vez que, evidentemente, estão calcadas nos preceitos teórico-metodológicos que fundamentam esta dissertação, e norteadas pela nossa experiência com essa faixa etária, ou seja, consideramos respostas possíveis de crianças de 10 a 12 anos construir. Classificamos as respostas construídas pelos participantes em duas categorias, as que se aproximaram do esperado (respostas por nós sugeridas) e as que se distanciaram. Considerando, assim, que quanto mais distante da resposta esperada, mais o participante demonstrou pouca ou nenhuma compreensão do que trata o conto.

As primeiras perguntas são de respostas pautadas no texto, pois conforme postulam Menegassi (2010), Fuza e Menegassi (2017, 2018), o leitor precisa, no início do processo da compreensão leitora, interagir com o todo para construir sua resposta. Assim, gradativamente, à medida que o leitor vai dialogando com o texto e apreendendo as informações que estão mais explícitas e presas a ele, vai-se iniciando o processo de inferências, que é trabalhado sequencialmente na etapa de construção de respostas às perguntas com respostas inferenciais.

No conto, o personagem Rei dá início a toda história: tendo ficado viúvo com 11 filhos e uma filha, ele se casa novamente. Essa é a situação inicial (BRONCKART, 2012), portanto, o leitor precisa apreender essa informação primeira, a fim de que tenha um fio condutor para os acontecimentos seguintes.

Para uma sistematização dos resultados, apresentamos as perguntas e sugestões de respostas por nós elaboradas e, logo em seguida, os quadros com as respostas dos participantes:

Questão 1: O conto começa falando sobre quem? Conte um pouco da história inicial desse personagem.

Sugestão de resposta: *O conto começa falando sobre o rei. Ele tinha onze filhos e uma filha. Um dia a esposa do rei faleceu e ele, depois de algum tempo, casou-se novamente.*

Quadro 7 – Respostas à primeira questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Sobre um rei. Ele tinha 11 filhos e uma filha. Um dia o rei ficou viúvo e, tempos depois, casou-se de novo.	
P2	Do rei; o rei perdeu sua esposa na morte e um tempo depois se casou. Mas sua nova esposa não gostava de seus 11 filhos e sua filha.	
P3	O rei, teve 12 filhos e ficou viúvo casou-se com uma bruxa que não gostava de seus filhos.	
P4	O conto começa falando sobre o rei. O rei teve 12 filhos com a rainha, 11 príncipes e 1 princesa, depois de um tempo o rei ficou viúvo, e ele não sabia que sua próxima esposa seria uma feiticeira.	
P5	O conto começa falando sobre um rei que tinha onze filhos e uma filha, só que um dia ficou viúvo e logo casou-se de novo.	

Fonte: a pesquisadora.

O quadro 3 revela que todos os participantes construíram suas respostas de acordo com a resposta sugerida. Assim, é possível afirmar que os leitores apreenderam a situação que dá início à narrativa.

As questões 2, 3 e 4, a seguir, também fazem parte do conjunto de perguntas com resposta no texto (MENEGASSI, 2010; FUZA; MENEGASSI, 2018), pois se centram em informações importantes que são o ponto de partida para a complicação (BRONCKART, 2012) que começa a estabelecer-se na história. É preciso que o leitor seja chamado a dar atenção à situação de complicação (BRONCKART, 2012): o rei casa-se, sem saber, com uma bruxa, maldosa e invejosa, e ela transforma seus 11 filhos em cisnes e manda sua filha para longe.

Questão 2: O que o rei não sabia sobre a nova esposa?

Sugestão de resposta: *O rei não sabia que a nova esposa era uma bruxa feiticeira. Sabia apenas que ela era muito bonita.*

Quadro 8 – Respostas à segunda questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Que além de muito bonita era uma terrível e cruel feiticeira.	
P2	O rei não sabia que ela era uma bruxa.	
P3	Que ela era uma bruxa feiticeira que não gostava de seus 12 filhos.	
P4	Que ela era uma feiticeira.	
P5	O rei não sabia que a sua nova esposa era uma bruxa.	

Fonte: a pesquisadora.

Todas as respostas foram convergentes ao que esperávamos. Isto é, os cinco participantes trouxeram em suas respostas informações precisas do que está no conto, e a maioria deles não fez uma simples cópia para elaborar as respostas. O trecho de que trata essa questão no conto é: “Mal sabia ele que sua nova esposa além de muito bonita era uma terrível e cruel feiticeira. A rainha simplesmente detestava os doze filhos do rei” (AZEVEDO, 2007, p. 69). A expressão feiticeira, por exemplo, foi apresentada pelo sinônimo em 3 das 5 respostas. Já para a expressão detestava, um dos participantes empregou: não gostava. Portanto, houve uma compreensão ativa, na qual o leitor fez a leitura e conseguiu construir sentidos a partir de um vocabulário que lhe é próprio.

Questão 3: O que a nova rainha fez com os filhos do rei logo depois de casar-se?

Sugestão de resposta: *Logo depois de casar-se com o rei, a rainha demonstrou detestar seus filhos. Por isso, enviou a princesa para morar em uma fazenda bem longe, convencendo o rei que isso faria bem para a filha dele. Para os filhos, a rainha bruxa aproveitou a ausência do rei, devido a uma viagem, fez um feitiço e os transformou em onze cisnes.*

Quadro 9 – Respostas à terceira questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Enviou a princesa para longe. Fez um feitiço e transformou os pobres príncipes em onze cisnes.	
P2	Transformou eles em cisnes e mandou a filha do rei para uma fazenda distante.	
P3	Transformou-lhes em cisnes.	
P4	A rainha mandou a princesa para uma fazenda, e transformou os príncipes em cisnes.	
P5	A rainha-bruxa mandou a princesa para o campo e transformou os onze príncipes em cisnes.	

Fonte: a pesquisadora.

As respostas dos participantes se aproximaram da resposta esperada, mas um deles, P3, não mencionou o ocorrido com a princesa. Nem por isso podemos considerar a resposta como divergente, apenas não demonstrou apreensão de todas as informações.

Questão 4: Após alguns anos a princesa veio visitar o pai. Quando a madrasta viu que a princesa virou uma linda moça, como ela reagiu e o que fez para a princesa?

Sugestão de resposta: *Após alguns anos, quando a princesa veio visitar o pai, a madrasta ficou enciumada e com inveja da beleza da princesa. Assim, ela armou um plano para que o rei não encontrasse a filha tão linda como ela estava podendo até mesmo duvidar de que aquela era mesmo a princesa.*

Quadro 10 – Respostas à quarta questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Cheia de inveja e ciúme, logo armou um plano.	
P2	Ao “mandar” a menina tomar um banho, iria mandar 3 sapos para poder colocar um feitiço nela	
P3	Ficou cheia de inveja e ciúme, agarrou a princesa e passou graxa e terra em seu corpo.	
P4	Ela ficou cheia de inveja. A madrasta falou para ela tomar um banho, e no meio do banho 3 sapos pularam na cabeça, no rosto e no coração transformando-a em um sapo.	
P5	A bruxa mandou ela tomar um banho com três sapos: um iria para a sua cabeça, outro para seu coração e outro em seu rosto	

Fonte: a pesquisadora.

Apesar de todas as respostas estarem convergentes ao esperado e os cinco participantes demonstrarem ter apreendido qual era o plano da rainha, dois deles, P2 e P5, não mencionaram qual foi a reação dela, conforme solicitado na pergunta, portanto, demonstraram apreensão parcial dos acontecimentos em abordagem.

A pergunta 5 visa identificar se os participantes conseguem realizar inferências. As perguntas de respostas inferenciais têm o propósito de levar o leitor a ler as entrelinhas, isto é, ler o que não está expresso linguisticamente, mas colabora de forma efetiva para a construção dos sentidos do texto, o que promove ampliação dos esquemas cognitivos do leitor, conforme defende Menegassi (1995).

Nesse sentido, as questões 5 e 6 objetivam levar o leitor a perceber que, a partir das maldades que a rainha bruxa fez, a princesa consegue ter

consciência dos acontecimentos e tomar coragem para lutar contra seu sofrimento: resgatar os 11 irmãos.

Questão 5: O plano inicial da madrasta foi bem-sucedido? O que ela fez com a princesa?

Sugestão de resposta: *O plano inicial da madrasta não foi bem-sucedido, por isso ela executou um segundo plano, já que a princesa, ao sair da banheira, deixou três rosas boiando na água, ou seja, transformou o feitiço em coisa boa. Diante disso, a madrasta ficou furiosa e resolveu fazer a maldade com as próprias mãos, sujou todo o corpo da princesa com terra e graxa.*

Quadro 11 – Respostas à quinta questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1		Não. Ela mandou que 3 sapos pulassem, 1 na cabeça dela, um no coração dela e 1 no rosto dela.
P2	Não e por isso para o rei não reconhecê-la, sujou-a de barro e de graxa.	
P3	Sim, levou ela para longe.	
P4	Não. Jogou graxa e terra nela deixando a parecendo um monstrengo.	
P5	O plano da madrasta não foi bem-sucedido, por isso, ela passou graxa e terra em seu corpo.	

Fonte: a pesquisadora.

Para responder à questão 5, os participantes precisaram fazer atribuições ao texto a partir de relações com o que foi abordado nas questões anteriores. A pergunta espera verificar se o leitor compreendeu que a madrasta sentia inveja e ciúme da princesa e, por isso, armou situações para afastá-la do rei, o que evidencia que a madrasta era uma pessoa maldosa. A resposta deveria contemplar que não sendo bem-sucedida no primeiro plano, a rainha resolveu agir de outra maneira: passando graxa e terra no corpo da menina. Os participantes P2, P4 e P5 demonstraram compreender esses aspectos. No caso de P3, embora a resposta objetiva tenha sido “sim”, o enunciado completo demonstrou que ele fez inferências considerando o conjunto dos acontecimentos, isto é, que ao final, o plano da rainha deu certo porque levou a princesa para longe.

Apenas P1 não demonstrou compreensão dos acontecimentos, pois sua resposta fez referência ao primeiro plano executado pela rainha contra a princesa. Nesse sentido, inferências não foram realizadas, tampouco apreensão da sequência de acontecimentos.

A questão 6 também é de resposta inferencial.

Questão 6: Por que a rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina? **Sugestão de resposta:** *A rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina para que o rei não a reconhecesse e ela não perdesse seu lugar de destaque na vida dele.*

Quadro 12 – Respostas à sexta questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1		Pois a princesa era mais bonita que a rainha
P2	Pois tinha inveja de sua beleza e da sua vida.	
P3		Para que o rei desse atenção para ela e não para a princesa.
P4		Porque a rainha não era tão bonita quanto a princesa.
P5		Para que ela fosse a mais bonita para o rei.

Fonte: a pesquisadora.

A pergunta dá continuidade ao trabalho de caracterização da rainha, o que é um fato importante para o desencadeamento da trama e constitui a temática abordada pelo conto. Por esse motivo, a questão busca levar o participante a fazer inferências, a partir das ações da rainha, de que ela é invejosa, ciumenta e maldosa. Nesse sentido, apenas P2 conseguiu fazer a relação esperada, apontando em sua resposta a questão da inveja. Os demais, P1, P3, P4 e P5 ficaram presos ao que está na superfície do texto e ao que está marcado na pergunta, a questão da beleza. Portanto, não chegaram a um nível de construção de compreensão inferencial.

As questões 7, 8 e 9 são de resposta textual. Aqui, é importante explicar que realizamos uma volta no processo, ou seja, já estávamos na apresentação de perguntas com respostas inferenciais e voltamos ao nível das textuais, visto que o conto inicia uma nova etapa da sequência narrativa, que é a das ações que encaminham a história para a resolução da complicação (conf. sequência narrativa de BRONCKART, 2012). Assim, é importante que o leitor se atenha novamente aos fatos expressos pelo texto, aos acontecimentos propriamente ditos, para depois fazer inferências sobre os fatos que dão início a uma nova etapa da narrativa: o sentimento de tristeza e abandono que a princesa sentiu, causado pela maldade da rainha, e que a impulsionou a buscar uma saída para encontrar os irmãos.

Questão 7: O que aconteceu quando o rei viu a princesa toda suja?

Sugestão de resposta: Quando o rei viu a princesa toda suja, ele não a reconheceu como filha. Gritando, mandou que levassem o monstrengo para longe.

Quadro 13 – Respostas à sétima questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Ficou furioso e mandou tirá-la dali.	
P2	Furioso, mandou tirar a menina de seu palácio, pois ao dizer que aquele “monstro sujo” não seria sua filha.	
P3	Ele ficou furioso e mandou tirar a menina dali.	
P4	O rei disse que aquela não era sua filha, e era um monstro, e no mesmo tempo a expulsou do castelo.	
P5	Quando o rei viu a princesa toda suja, disse que não poderia ser a sua filha.	

Fonte: a pesquisadora.

Como uma pergunta de resposta textual, esperávamos que os participantes conseguissem buscar no texto a seguinte informação: “Ao vê-la nesse estado, o homem ficou furioso. Mandou tirar a menina dali. Gritou. Disse que aquele monstrengo não era sua filha de jeito nenhum” (AZEVEDO, 2007, p. 70). Consideramos todas as respostas como convergentes, visto que todos os participantes conseguiram localizar tal informação. É extremamente importante lembrarmos que o trabalho de leitura pautado no interacionismo não permite que o leitor apenas localize e copie trechos do texto. Aqui, foi necessário um trabalho de síntese e construção frasal para que a questão fosse respondida.

Questão 8: Como a princesa se sentiu não sendo reconhecida pelo pai? Ela ficou no castelo ou fugiu?

Sugestão de resposta: Não sendo reconhecida pelo pai, a princesa chorou, mas nem se deu ao trabalho de tentar convencê-lo, pois sentia medo da madrasta, então fugiu do castelo.

Quadro 14 – Respostas à oitava questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Ficou muito triste. Ela fugiu do castelo.	
P2	A menina chorou e com medo da madrasta não disse nada; e decidiu que o melhor seria fugir.	
P3	Ela se sentiu triste por não ser reconhecida pelo pai, ela fugiu.	
P4	A moça chorou e fugiu do castelo.	

P5	A princesa chorou por não ser reconhecida pelo pai, por isso, decidiu fugir.	
----	--	--

Fonte: a pesquisadora.

Todos os participantes apresentaram respostas convergentes com o esperado.

Questão 9: Após fugir do castelo, quais as decisões que a princesa tomou?

Sugestão de resposta: *Após fugir do castelo a princesa tomou três decisões: 1) não voltar para o castelo porque não tinha forças para enfrentar a rainha bruxa; 2) parar de chorar porque isso não resolveria nada e 3) não iria descansar enquanto não encontrasse seus onze irmãos.*

Quadro 35 – Respostas à nona questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Decidiu procurar os seus 11 irmãos.	
P2	Decidiu ir à procura de seus 11 irmãos, pois voltar ao castelo, mesmo limpa, não adiantaria nada.	
P3	Achar seus onze irmãos.	
P4	Decidiu que não iria desistir de encontrar seus 11 irmãos.	
P5	A princesa decidiu que iria encontrar seus onze irmãos.	

Fonte: a pesquisadora.

Embora a pergunta utilize a expressão “quais as decisões”, indicando assim que a princesa tomou mais do que uma decisão – o que está em convergência com o tipo de pergunta construído, expresso no texto – todos os 5 participantes indicaram apenas uma decisão, a de que ela decidiu por procurar os irmãos. Logo, as respostas foram parcialmente convergentes ao esperado, uma vez que responderam à pergunta de forma parcial.

Tendo levado os leitores a apreenderem as ações que iniciam o processo de resolução do conflito, por meio de perguntas textuais, a questão 10 avança e visa à construção de inferências.

Questão 10: Ao tomar essas decisões, quais as qualidades que a princesa demonstrou ter? Explique.

Sugestão de resposta: *Ao tomar essas decisões a princesa demonstrou ter racionalidade, coragem e persistência.*

Quadro 16 – Respostas à décima questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Persistência. Mesmo não sabendo onde estavam seus irmãos, ela ainda assim quis procurá-los.	
P2	A garota demonstrou coragem, por procurar seus irmãos; racionalidade, em pensar que voltar ao castelo não seria bom e etc.	
P3	Inteligência, coragem. Inteligência: ela foi inteligente de não voltar para o reino e coragem de andar o mundo atrás de seus irmãos.	
P4	Inteligente. Porque foi em busca dos 11 irmãos primeiro antes de enfrentar a feiticeira.	
P5	Coragem (por fugir de casa), esperteza (por não enfrentar a bruxa) e ser bonita (porque todos falavam).	

Fonte: a pesquisadora.

A palavra “coragem” apareceu em três das 5 respostas (P2, P3 e P5). Os participantes P1 e P4 utilizaram outros termos que também fazem referência à coragem: P1 colocou que “mesmo não sabendo onde estavam seus irmãos, ela ainda assim quis procurá-los”, ou seja, ela não sabia o que iria enfrentar, mas ainda assim seguiu em frente, corajosa. Já P4 colocou isso de outra maneira, mas que também converge com a resposta que esperávamos: “foi em busca”, isto é, correu atrás, foi determinada, foi corajosa.

A questão 10 não tem resposta nas linhas do texto, portanto, os participantes precisavam chegar a uma conclusão a partir daquilo que foi apresentado no texto anteriormente. Uma princesa que sai em busca de seus irmãos, que não desiste enquanto não os encontra, sem dúvidas é uma princesa com certas qualidades. No entanto, essas qualidades não estavam escritas no conto. Sendo assim, esse trabalho de inferências demonstrou um bom nível da compreensão leitora das crianças.

Seguindo o processo de ordenar e sequenciar as perguntas, a próxima se enquadra como uma pergunta de resposta interpretativa. Nós a construímos para esse momento, visto que as questões anteriores trabalharam a compreensão leitora sobre a situação inicial, o conflito e as ações, logo, na sequência na narrativa, os personagens começam a resolver a trama, até que a situação final se estabeleça. Assim, é preciso levar o leitor ao nível da interpretação, de forma que ele possa ir respondendo ativamente ao texto, dialogando no sentido de aproximar a temática daquilo que é mais individual, mais pessoal a ele.

Para analisarmos as respostas às questões interpretativas, apesar de apresentá-las na mesma formatação das demais, não utilizamos a categoria de convergente ou divergente ao que esperamos (respostas por nós sugeridas), visto que as respostas são de cunho mais pessoal, isto é, construídas a partir de experiências de vida, de valores e expectativas de cada leitor. Assim, buscamos verificar se as respostas foram convergentes ou não com a temática em tratamento no conto.

Questão 11: Diante de problemas, todas as pessoas reagem com inteligência, racionalidade e coragem? Explique.

Sugestão de resposta: *Diante de problemas, cada pessoa reage de uma maneira. Nem todos conseguem reagir com inteligência, racionalidade e coragem.*

Quadro 17 – Respostas à décima primeira questão

Participante	Resposta convergente com a temática	Resposta divergente a temática
P1	Nem todas!	
P2	Às vezes, sim ou as vezes não; depende da pessoa.	
P3	Não.	
P4		Sim.
P5	Nem todas as pessoas reagem assim, pois podem não ter desenvolvido essas qualidades.	

Fonte: a pesquisadora.

Como vimos, a resposta é pessoal, mas isso não significa que qualquer resposta serve, pois, o leitor precisa apreender a temática e relacionar-se com ela, confrontando-a com suas experiências e valores. Nesse sentido, apenas uma das respostas; no caso a resposta de P4, não foi convergente com a temática abordada até o momento no conto. Lembramos que para analisar as respostas das questões interpretativas tomamos como parâmetro não mais as respostas sugeridas por nós, mas sim se são convergentes ou divergentes à temática do conto.

Na sequência, o material diagnóstico volta a oferecer perguntas de resposta textual nas questões 12, 13 e 14, pois o conto inicia uma nova etapa da sequência narrativa, a resolução.

Questão 12: O que aconteceu quando a princesa conseguiu encontrar os onze irmãos?

Sugestão de resposta: Quando a princesa conseguiu encontrar os irmãos, eles ficaram muito felizes e passaram a noite conversando, contando que se transformavam em cisnes somente de dia, lembrando-se das maldades da rainha bruxa e de que a culpa por estarem nessa situação era dela. Ao final, decidiram fazer alguma coisa para desfazer o feitiço.

Quadro 18 – Respostas à décima segunda questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Ficou muito feliz e os abraçou com saudade.	
P2	Ela chorou de felicidade e os abraçou.	
P3	Descobre que estão sob um feitiço que durante o dia são cisnes e a noite voltam a ser humanos.	
P4	Os 12 irmãos finalmente reunidos passaram a noite inteira conversando.	
P5	Eles decidiram achar a solução para quebrar o feitiço dos onze irmãos.	

Fonte: a pesquisadora.

Todos os participantes apresentaram respostas convergentes ao esperado. P1 e P2 apresentaram respostas similares: de que os irmãos choraram de alegria ao se encontrarem e se abraçaram. P4 sintetizou o que está presente nas linhas em que essa cena acontece: “Aquela noite, os doze irmãos nem dormiram. Passaram o tempo todo conversando e trocando ideias” (AZEVEDO, 2007, p. 71). P3 e P5 demonstraram uma compreensão um pouco mais ampla, no sentido de irem além do que está marcado no texto: eles citaram o feitiço sofrido pelos 11 irmãos e a decisão de buscar solução para o problema.

Questão 13: Como a princesa achou a solução para quebrar o feitiço que a bruxa colocou sobre os irmãos?

Sugestão de resposta: Para quebrar o feitiço que a bruxa colocou sobre os irmãos, a princesa recebeu um conselho do mais velho dos irmãos. O conselho era para que ela sonhasse e, assim, tentasse descobrir algum caminho para quebrar o feitiço da bruxa. No sonho, a princesa achou a solução.

Quadro 19 – Respostas à décima terceira questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Sonhando	
P2	Ela seguiu o conselho de seus irmãos de sonhar.	
P3	Ela sonhou o que ela tinha que fazer para livrar seus irmãos do feitiço.	
P4	Através de um sonho.	
P5	Ela achou a solução sonhando.	

Fonte: a pesquisadora.

Todos os participantes apreenderam a informação principal, ou seja, para encontrar, por meio do sonho, a solução que quebrasse o feitiço. Isso fica nítido nas 5 respostas em que a palavra “sonho” apareceu.

Questão 14: No sonho, a fada disse que a princesa poderia quebrar o feitiço, mas tinha um risco a correr, ela não poderia até acabar com o feitiço, conversar mais. Ninguém poderia ouvir a voz dela. Se ela falasse, seus irmãos teriam as cabeças cortadas. A princesa seguiu o sonho?

Sugestão de resposta: *A princesa seguiu o sonho, mesmo correndo risco de seus irmãos terem as cabeças cortadas, caso ela falasse com alguém.*

Quadro 20 – Respostas à décima quarta questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Sim.	
P2	Sim, procurou o capim que precisaria para fazer os casacos para quebrar o feitiço.	
P3	Sim.	
P4	Sim	
P5	Sim, ela seguiu seu sonho.	

Fonte: a pesquisadora.

Todas as respostas demonstraram que os participantes compreenderam que a princesa seguiu o seu sonho.

As questões 15 e 16 são de resposta inferencial. De acordo com Menegassi (2010), após ter extraído informações que estão no texto, para a formação de leitores competentes, é preciso que eles sejam levados a pensar sobre essas informações, que é o que ocorre na construção de inferências.

Questão 15: Por que a princesa se arriscou pelos irmãos?

Sugestão de resposta: *A princesa se arriscou pelos irmãos para quebrar o feitiço que a madrasta havia jogado sobre eles, e principalmente, porque os amava.*

Quadro 21 – Respostas à décima quinta questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Porque ela queria que eles se libertassem daquele feitiço.	
P2	Por que ela os amava e também isso os ajudaria a voltar o castelo e se vingar da bruxa.	
P3	Por que ela os amava.	

P4	Para quebrar o feitiço.	
P5	Porque ela os amava.	

Fonte: a pesquisadora.

Para responder a essa questão, os participantes precisaram tirar suas próprias conclusões a respeito da atitude da princesa em querer quebrar o feitiço que a bruxa madrasta havia jogado sobre seus irmãos. De um modo geral, quando falamos de irmãos, fica subentendido um amor fraternal e um espírito de companheirismo. Assim, entendemos que os participantes também pensaram dessa forma, pois suas respostas revelaram a existência desse amor.

Questão 16: Ao seguir o seu sonho, novamente a princesa demonstrou ter quais qualidades?

Sugestão de resposta: *Ao seguir o seu sonho, a princesa demonstrou ter coragem, inteligência, persistência, compaixão, amor.*

Quadro 224 – Respostas à décima sexta questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Bondade e compaixão.	
P2	Coragem, arriscando a vida de seus irmãos. Solidariedade, por não falar para quebrar o feitiço.	
P3	Competência.	
P4	Obediência ao seu sonho.	
P5	Coragem.	

Fonte: a pesquisadora.

Todas as respostas foram convergentes com o esperado, pois os participantes nomearam as qualidades que a personagem demonstrava ter, mesmo não estando descritas linguisticamente no texto.

Mais um conjunto de perguntas com respostas textuais é oferecido aos participantes (questões 17, 18 e 19), uma vez que é preciso dirigir a atenção deles para os fatos que permeiam as consequências que a princesa sofreu por ter a coragem de seguir com sua missão de salvar os irmãos do feitiço. Ocorre que, dentro da etapa da resolução do conflito principal, um novo conflito forma o enredo. Um rei aparece, apaixona-se pela princesa e eles se casam. No entanto, ela não tem mais material para produzir os casacos para os irmãos e vai buscá-los em um cemitério, por isso, é acusada de feitiçaria, julgada e condenada à morte. Tudo isso porque ela cumpre a determinação de não falar para que seus irmãos não morram.

Questão 17: O que aconteceu um dia enquanto a princesa estava a costurar os casaquinhos para desfazer o feitiço dos irmãos? Quem apareceu na história e o que ele fez?

Sugestão de resposta: *Um dia, enquanto a princesa estava costurando os casaquinhos para desfazer o feitiço dos irmãos, apareceu um cavaleiro que ficou encantado com a princesa e a levou para o seu castelo.*

Quadro 5 – Respostas à décima sétima questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Um rei apareceu e a chamou para ir com ele para o castelo.	
P2	Um cavaleiro chegou, que por acaso era um rei. O rei que apareceu, se apaixonou e casou-se com a princesa.	
P3	Um rei apareceu e levou a princesa para seu castelo.	
P4	Um cavaleiro apareceu. O cavaleiro revelou-se dizendo que era um rei, e o rei levou a menina para o reino dele.	
P5	Um rei apareceu e levou ela para o seu reino, e decidiu-se casar-se com ela	

Fonte: a pesquisadora.

As 5 respostas demonstraram compreensão do texto.

Questão 18: Não morando mais na ilha, quando acabou o capim para fazer os casaquinhos, onde a princesa foi colhê-los?

Sugestão de resposta: *Quando acabou o capim para fazer os casaquinhos, a princesa foi colhê-los no cemitério. A princesa fazia isso na calada da noite, para não ser vista e questionada sobre porque fazia casados com capim.*

Quadro 24 – Respostas à décima oitava questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	No cemitério.	
P2	No sonho, a fada disse que teria mais capim no cemitério.	
P3	No cemitério.	
P4	Em um cemitério.	
P5	Ela aprendeu no sonho que o capim também crescia em cemitério, por isso foi colhê-lo lá.	

Fonte: a pesquisadora.

Para essa pergunta de reposta textual, todas as respostas também foram convergentes.

Questão 19: Quando um vizinho viu a princesa entrando no cemitério, à noite, e vestindo uma capa, ele foi dizer ao rei marido dela, que ela era uma feiticeira. Quando o rei foi investigar isso, o que ele viu e fez?

Sugestão de resposta: *quando o rei foi investigar, ele viu a princesa entrando no cemitério e concluiu que ela era mesmo uma feiticeira, por isso mandou que a prendessem.*

Quadro 65 – Respostas à décima nona questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Mandou-a para a prisão.	
P2	Tirando conclusões precipitadas, achando que sua esposa seria mesmo uma feiticeira. E mandou prendê-la.	
P3	Com dor no coração mandou prende-la.	
P4	Mandou prender a própria esposa.	
P5		Mandou queimá-la.

Fonte: a pesquisadora.

Apenas o participante P5 distanciou-se do que esperávamos como resposta, demonstrando incompreensão no que diz respeito ao trecho do conto em questão. Nesse momento da narrativa, a princesa iria para a prisão. Apenas posteriormente há essa informação de que “[...] Por ser considerada bruxa, a princesa rainha ia ser queimada viva” (AZEVEDO, 2007, p. 77).

A questão 20 é de resposta inferencial, e busca levar o leitor a refletir sobre como as ações têm consequências e que, para conseguir alcançar os objetivos, por vezes, alguns problemas ou sofrimentos aparecem.

Questão 20: Mesmo correndo o risco de morte, a princesa não voltou a falar. Por que ela fez isso?

Sugestão de resposta: *A princesa, mesmo correndo o risco de morte, não voltou a falar para preservar a vida dos seus irmãos.*

Quadro 76 – Respostas à vigésima questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Para que seus irmãos não morressem	
P2	Pois ainda poderia matar seus irmãos; pois se dissesse	

	uma sílaba cortaria o pescoço de cada um dos cisnes.	
P3	Porque ela amava e não queria matar eles.	
P4	Porque ela queria salvar seus irmãos mesmo assim.	
P5	Porque senão o encantamento cortaria a cabeça dos onze príncipes.	

Fonte: a pesquisadora.

A situação final acontece quando a princesa consegue quebrar o feitiço que a madrasta fez aos seus irmãos, voltando a falar e esclarecendo ao pai tudo que tinha acontecido. O rei, personagem que iniciou toda a história, volta, então, para finalizar tudo. Portanto, para que a situação final seja apreendida pelos leitores, a questão 21 volta a ser de resposta textual.

Questão 21: O que fez o rei, pai da princesa e dos onze príncipes, quando eles foram lá e contaram tudo que a rainha bruxa tinha feito e pelas situações que eles passaram? **Sugestão de resposta:** *O rei, pai da princesa e dos onze príncipes, ao saber de tudo que a rainha bruxa tinha feito, mandou prendê-la para não sair nunca.*

Quadro 27 – Respostas à vigésima primeira questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Condenou a rainha bruxa à prisão, e só sairia “no dia de são nunca”	
P2	Mandou prender sua ex-esposa e nunca a libertaria.	
P3	Mandou prendê-la imediatamente.	
P4	Mandou prender a bruxa.	
P5	Mandou prender a rainha bruxa e nunca mais voltar.	

Fonte: a pesquisadora.

Os 5 participantes demonstraram ter apreendido a situação final.

Na sequência, todas as perguntas são de respostas interpretativas. Baseadas nos estudos de Menegassi e Angelo (2010), o objetivo é fazer com que o leitor traga suas próprias impressões e vivências para o tema em abordagem, de modo a construir os sentidos do texto, os quais relacionam o que o autor do conto intencionou e o que o leitor, em diálogo, trouxe ao texto.

Como posto, as respostas interpretativas foram analisadas levando em consideração se elas estavam convergentes ou não com a temática.

Questão 22: Você acredita que a princesa sofreu situações de injustiça na história? Em que momentos? **Resposta pessoal.**

Quadro 28 – Respostas à vigésima segunda questão

Participante	Resposta convergente com a temática	Resposta divergente
P1	Sim. Quando ela foi presa e condenada à morte sem poder se explicar. Mas, não falar, foi uma escolha dela.	
P2	Sim; por exemplo, ter sido odiada por não ter feito nada ou por ter sido acusada de algo que não era.	
P3	Sim, foi obrigada à ficar longe de seus família e não poder falar e nem conversar.	
P4	Sim. Quando ela ia catar o capim do cemitério e acharam que ela era uma feiticeira.	
P5	Sim, quando ia ser queimada por ser muda e não poder explicar-se.	

Fonte: a pesquisadora.

Os 5 participantes se posicionaram a respeito da temática do conto, acreditando que a princesa sofreu injustiças e apontando esses momentos. Logo, as crianças atribuíram sentidos ao tema, como ocorreu também na construção das demais respostas (questões 23 a 27).

Questão 23: Você já viveu situações de injustiças? Explique. **Resposta pessoal.**

Quadro 89 – Respostas à vigésima terceira questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Não.	
P2	Sim, me acusaram de ter colado na prova, mas na verdade quem me acusou que estava colando de mim.	
P3	Não, nunca vivi situações injustas.	
P4	Sim. Quando você recebe a culpa de algo que você não fez.	
P5	Sim, eu me sinto injustiçado porque meu irmão sempre vence as brigas, mesmo estando errado.	

Fonte: a pesquisadora.

Questão 24: A rainha bruxa e o vizinho interesseiro eram pessoas muito invejosas, você conhece pessoas invejosas, ao ponto de fazerem mal para os outros por conta de inveja? Explique sua resposta. **Resposta pessoal.**

Quadro 30 – Respostas à vigésima quarta questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Não.	
P2	Sim, muitas pessoas são assim, mas na verdade essas pessoas tem muito e não percebem.	
P3	Sim, o mundo está cheio de pessoas assim.	
P4	Não conheço, mas sei que existem.	
P5	Sim, as pessoas invejosas fazem mal para as outras a	

	ponto de magoá-las, de forma injusta.	
--	---------------------------------------	--

Fonte: a pesquisadora.

Questão 25: Como você identifica quando uma pessoa é invejosa? **Resposta pessoal.**

Quadro 31 – Respostas à vigésima quinta questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Quando você conta algo legal da sua vida, e ela não liga. Ou quando ela critica tudo o que você faz.	
P2	Quando repara muito em coisas suas, fica elogiando muito você e outras coisas suas e etc.	
P3	Quando tenta ser melhor em tudo.	
P4	Quando a pessoa fica reparando em você coisas que ela não tem, e sente inveja.	
P5	Quando ela fala mal dos outros falando bem de si mesma.	

Fonte: a pesquisadora.

Questão 26: A princesa, mesmo passando por tantas situações de sofrimento, não deixou de fazer o possível para ajudar seus irmãos. Muitas pessoas que você conhece são corajosas assim e se preocupam em ajudar os outros? **Resposta pessoal.**

Quadro 32 – Respostas à vigésima sexta questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Sim.	
P2	Poucas, mas as que conheço realmente fazem isso de coração.	
P3	Sim.	
P4	Sim.	
P5	Sim, tipo o meu bizavô, Mozart.	

Fonte: a pesquisadora.

Questão 27: Você é uma pessoa corajosa: corre atrás para realizar os seus sonhos? **Resposta pessoal.**

Quadro 33 – Respostas à vigésima sétima questão

Participante	Resposta convergente ao esperado	Resposta divergente ao esperado
P1	Sim.	
P2	Não me considero corajosa mas quando quero algo faço de tudo que conseguir para realizar e sim me preocupo muito com todos.	
P3	Sim, sim, sempre.	
P4	Acho que sim. Ainda não tenho sonhos grandes. Sim.	

P5	Sim, porque fazer o bem faz bem. Eu corro atrás dos meus sonhos porque minha vida tem que ter expectativa. Eu acho que sou corajoso.	
----	--	--

Fonte: a pesquisadora.

Conforme sugerem Fuza e Menegassi (2017), a última questão, “Do que trata o texto”, é o momento em que o leitor apresenta, de forma concreta, uma réplica ao texto lido. Na metodologia proposta pelos autores, para responder a essa questão, ocorre uma junção de todas as respostas produzidas às perguntas anteriores.

A princípio, essa era nossa intenção para finalizar o trabalho, no entanto, como precisamos alterar a forma de nossa intervenção, optamos por não solicitar uma resposta final aos participantes, uma vez que não pudemos realizar a mediação desse trabalho mais de perto.

A seguir, sintetizamos os resultados obtidos na análise da atividade:

Quadro 34 – Resultados obtidos na análise da atividade

Questão	Tipo de pergunta	Resposta convergente com o esperado/tema	Resposta divergente com o esperado/tema
1	Textual	5	
2	Textual	5	
3	Textual	5	
4	Textual	5	
5	Inferencial	4	1
6	Inferencial	1	4
7	Textual	5	
8	Textual	5	
9	Textual	5	
10	Inferencial	5	
11	Interpretativa	4	1
12	Textual	5	
13	Textual	5	
14	Textual	5	
15	Inferencial	5	
16	Inferencial	5	
17	Textual	5	
18	Textual	5	
19	Textual	4	1

20	Inferencial	5	
21	Textual	5	
22	Interpretativa	5	
23	Interpretativa	5	
24	Interpretativa	5	
25	Interpretativa	5	
26	Interpretativa	5	
27	Interpretativa	5	

Fonte: a pesquisadora.

Das 27 respostas, a maioria foi convergente ao que esperávamos, ou seja, foram próximas às respostas sugeridas. Como pode ser visualizado pelo quadro, há um predomínio na convergência quando a pergunta é de resposta textual. São 14 perguntas de resposta textual, 6 de resposta inferencial e 7 de resposta interpretativa. A justificativa por termos construído um número bem maior de perguntas de resposta textual ocorreu porque os participantes são crianças de 10 a 12 anos de idade, inseridas em um contexto em que a atividade foi realizada sem o acompanhamento de um profissional que pudesse exercer o papel de mediador. Assim, consideramos importante que as questões permitissem que os participantes acompanhassem de forma mais intensa o que estava explícito sobre a temática, para que aos poucos pudessem fazer inferências e se colocarem frente ao tema, no caso, respondendo as questões de respostas interpretativas. Desse modo, o diálogo entre autor-texto-leitor vai se aprofundando, de forma que o leitor, carregado de conhecimentos prévios, realiza as suas inferências e pode responder ao texto de forma ativa.

Portanto, esperávamos que a maioria das respostas centradas no texto fosse convergente com as sugestões construídas. Das 14 perguntas assim classificadas, apenas uma das respostas, para a questão 19, um dos alunos, do conjunto de 5 deles, construiu um sentido não convergente.

Sobre as 6 perguntas de resposta inferencial, para essas, os participantes demonstraram mais dificuldade: para a pergunta 5, uma resposta não é convergente; contudo, para a questão 6, das 5 respostas, 4 não são convergentes com o esperado. Fato que nos levou a uma análise da pergunta elaborada e da sugestão de resposta, visto que, a atividade diagnóstica tem justamente o objetivo de dar suporte para a construção do produto final.

Nossa conclusão foi a de que, seguindo o critério estabelecido para análises, as 4 respostas realmente são divergentes ao esperado; contudo, não podem ser consideradas inadequadas, ou sem relação ao tema e ao enredo. O conto aponta a rainha como invejosa, malvada, o que pode levar a construção de inferências de que a rainha era menos bonita, fisicamente, do que a princesa; ou levar a interpretações de que por ter essas características negativas, a rainha é uma pessoa “feia”, no sentido amplo do termo. Além do mais, é preciso considerar que as respostas inferenciais precisam, muitas vezes, do mediador, de que esse vá dirigindo a atenção do aluno, vá indicando as pistas deixadas pelo autor no texto, e nas atividades. O fato é que essas reflexões foram importantes para a construção da proposta final, como mencionado.

Diante desses resultados, para uma afirmação de que os participantes apresentaram um bom nível de compreensão leitora, que é o que o aspecto quantitativo demonstra, é preciso levar em conta que as cinco crianças-participantes são frequentadores assíduos da biblioteca na qual atuamos. Antes da pandemia, eles estavam sempre emprestando livros e participando de projetos. Durante a pandemia, passaram a agendar a retirada de livros, não mais com a mesma frequência, devido a toda situação e a nova organização do local, mas ainda assim de forma significativa. Além disso, as crianças responderam as atividades em casa, foram dadas instruções aos pais para que as atividades fossem feitas pelas crianças, sem a ajuda deles. No entanto, não podemos certificar que isso ocorreu.

Contudo, o que é importante para nossa pesquisa é o fato de que os resultados do diagnóstico nos possibilitaram refletir sobre o processo de elaboração das perguntas, das sugestões de respostas, de todo o conjunto de instruções construídas, assim promovendo a produção do Produto Educacional, estruturado em um Caderno didático, certos de que a metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura pode contribuir para que orientadores de biblioteca atuem no ensino da prática discursiva da leitura, uma vez que quando ordenadas e sequenciadas, as perguntas encaminham a compreensão textual, primeiramente, o leitor fica mais centrado aos elementos presentes linguisticamente no texto, para que aos poucos o leitor se coloque no texto e vá fazendo inferências, conforme suas experiências, seus conhecimentos, até chegar a etapa da interpretação; as perguntas de resposta textual levam a interação com o autor, não é mera extração de informações; quando chega ao momento das perguntas interpretativas, o leitor

realiza uma reflexão e a partir disso consegue se inserir na temática e contar sobre suas impressões pessoais.

Logo, a proposta teórico-metodológica/Caderno didático configura-se da mesma forma, a partir de outro conto “A mulher dourada e o menino careca”, de Ricardo Azevedo, que faz parte da coletânea *No meio da noite escura tem um pé de maravilha*, do mesmo autor, publicada em 2007, elaboramos instruções ao orientador de atividade, e um conjunto de 30 perguntas, 14 delas de resposta textual, 11 de resposta inferencial e 5 interpretativas. Elevamos o número das inferenciais visto o objetivo ser o de que o Caderno seja implementado de forma presencial, isto é, na interação entre orientador de atividades e crianças de 10 a 12 anos, no ambiente de biblioteca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuando como professora do EF – anos iniciais, desde 2010 e como orientadora de atividades em biblioteca desde 2016, sentia, antes do aprofundamento nesta pesquisa e, sobretudo antes de conhecer a metodologia da sequenciação e ordenação de perguntas de leitura (SOLÉ, 1998; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA; MENEGASSI, 2018), uma ausência de um encaminhamento metodológico para que eu pudesse trabalhar com os textos, independente do seu gênero. Como mencionado na introdução, os textos levados para a sala de aula (enquanto atuava em escola) e depois levados para o público da biblioteca, quando esse era levado para alguma ação específica de trabalho com leitura, eram textos que correspondiam a outras demandas do ensino, como por exemplo, a decodificação, a consciência fonológica ou a atribuição de juízo moral. Enfim, sentia que trabalhava sempre com textos como pretexto para outras aprendizagens. Isso se tornou ainda mais latente quando iniciei meu trabalho como orientadora de atividades, função que tem como principal atribuição a formação do leitor.

Formar leitor é muito mais que fazê-lo ler; vai além de disponibilizar o acesso a livros. Compreendi, principalmente com as disciplinas Literatura infanto-juvenil e Leitura, produção e escrita, cursadas no Mestrado, que a formação do leitor

requer um ensino de leitura como um processo; que obedece a etapas, as quais encaminham o leitor para uma compreensão leitora. Diante disso, nasceu a motivação para pesquisar de que forma a metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura pode contribuir para que o orientador de atividades em biblioteca auxilie crianças no aprimoramento da compreensão leitora. Das vinte e sete perguntas que utilizamos para leitura diagnóstica, vinte e três foram convergentes ao que esperávamos como resposta. Isso nos mostra que a metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura é uma ferramenta que contribui com o trabalho do ensino de leitura. Como dissemos, formar leitor vai além de emprestar um livro ou apresentar um texto e discuti-lo. Formar leitor requer uma metodologia que enalteça as qualidades do leitor, para que esse se sinta capaz de aventurar-se em algo novo. Requer um trabalho de motivação por parte daquele que conduz a leitura de um texto novo; de reconhecimento das capacidades já existentes nos leitores e das capacidades que poderão ser alcançadas com esse trabalho mediado. A metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura contribui exatamente nisso, pois prevê um trabalho que vai do mais simples ao mais complexo; que, gradativamente, faz o leitor mergulhar nas entrelinhas do texto; naquilo que está implícito.

Com a questão de pesquisa em mente traçamos nosso objetivo geral, isto é, a elaboração de uma proposta teórico-metodológica para o ensino de leitura a ser desenvolvida com crianças de 10 a 12 anos de idade, destinada a orientadores de atividades que atuam em bibliotecas. Para alcançar esse objetivo, estabelecemos outros mais específicos: Elaboração de uma proposta de leitura/diagnóstica destinada a crianças de dez a doze anos de idade que frequentam a biblioteca, a qual, mesmo diante de adversidades que nos fizeram mudar os planos iniciais, foi cumprida; e Identificação da compreensão leitora alcançada pelos participantes.

A partir do alcance desses dois objetivos, cumprimos o objetivo geral, uma vez que elaboramos uma proposta teórico-metodológica que visa o trabalho com o desenvolvimento da prática discursiva, com respaldo na metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura. O conjunto de perguntas, a respeito do conto maravilhoso, criadas por nós com fundamento na concepção interacionista de leitura, auxiliou os participantes a construir, gradativamente, as respostas mais próximas daquilo que esperávamos.

Nosso desejo é que a proposta teórico-metodológica seja ferramenta para orientadores de atividades que estão à frente de um trabalho com o ensino da leitura, em espaços de biblioteca, colaborando para um trabalho efetivo de formador de leitores. Em nosso trabalho utilizamos o gênero conto maravilhoso, mas a proposta pode ser adaptada para outros contos maravilhosos, de fadas e outros gêneros literários.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. Os onze cisnes da princesa. *In: No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2007, p. 68-79.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, texto e discurso**: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 2012.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: ____*. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CERIONI, Clara. Em 2018, Brasil melhora no PISA, mas segue mal em comparação internacional. **Exame.com**, São Paulo, dez. 2019. Disponível em: <http://https://exame.abril.com.br/brasil/apos-dez-anos-brasil-melhora-nos-tres-indices-de-avaliacao-do-pisa-2018/>. Acesso em 31 mar. 2020.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, set/dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em 26 abr. 2020.
- FUZA, Ângela Francine; MENEGASSI, Renilson José. Ordenação e sequenciação de perguntas na leitura do gênero discursivo panfleto institucional. **Diálogo das letras**, Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/2377>. Acesso em 02 jun. 2020.
- FUZA, Ângela Francine; MENEGASSI, Renilson José. Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura no gênero poema. *In: BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; STORTO, Leticia Jovelina; STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos (Orgs.)*. **Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa**. Campinas – SP: Pontes Editores, 2018. p.17-42.
- MENEGASSI, Renilson José. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor. **Revista Unimar**, Marília, v. 17, n. 1, p. 85-94, 1995.
- MENEGASSI, Renilson José; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. Conceitos de Leitura. *In: MENEGASSI, Renilson José (Org.)*. **Leitura e ensino**. 2 ed. Maringá-PR: Eduem, 2010. p. 15-36.
- MENEGASSI, Renilson José. Perguntas de Leitura. *In: MENEGASSI, Renilson José (Org.)*. **Leitura e ensino**. 2 ed. Maringá-PR: Eduem, 2010. p. 167-189.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- BRASIL perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos, com queda puxada por mais ricos. **g1.globo.com**, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/pop->

arte/noticia/2020/09/11/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos-com-queda-puxada-por-mais-ricos.ghml. Acesso em 27 jan. 2021.

SENE, Aline Regina Lemes de. **O gênero textual conto maravilhoso: uma proposta de intervenção didática para o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do ensino fundamental**. 2019. 273 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procopio, 2019. [Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Marilucia dos Santos Domingos Striquer].

SILVA, Ezequiel Theodoro da; SILVA, Lilian Lopes Martins da; OLIVEIRA, Luciana Moreira de. (Orgs.). **Palavras andantes: ensino de leitura – antologia comemorativa**. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2018.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

STRICHER, Marilúcia dos Santos Domingos. **Os objetivos de leitura no livro didático**. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ – UENP

Pesquisadora Responsável: Ana Carolina de Sousa

Endereço: Rua Iracema Bueno Paiva Gatti Q3 Lote 43 – Residencial Ivani Paiva Gatti

CEP: 86.300-000

Fone: (43) 99609-2488

E-mail:

carolsousalbuquerque@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES

Este é um convite para seu filho participar voluntariamente da pesquisa “Por uma biblioteca viva: uma proposta para o ensino da leitura na biblioteca”, que está sendo desenvolvida por mim, aluna do Mestrado Profissional em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Esta pesquisa é parte integrante de uma outra maior, intitulada: “Os gêneros discursivos/textuais como eixo organizador de projetos de intervenção pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa” coordenada pela professora Marilúcia dos Santos Domingos Striquer, docente do PPGEN/UENP.

Por favor, leia com atenção as informações a seguir antes de dar seu consentimento. Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento entre em contato diretamente comigo, Ana Carolina de Sousa

OBJETIVO E BENEFÍCIOS DO ESTUDO: O que pretendemos é conhecer como seu filho lê contos maravilhosos, o quanto ele sabe interpretar esses textos. Nossa intenção, em um segundo momento, é elaborar uma proposta de intervenção para auxiliá-lo no aprimoramento da prática de leitura.

PROCEDIMENTOS/METODOLOGIA: As crianças participantes farão leitura de alguns textos e responderão a atividades, também participarão, de forma remota, de um ou dois encontros com a pesquisadora. Esses encontros serão gravados para que a interação possa ser transcrita e analisada pela pesquisadora.

Na divulgação da pesquisa, poderemos usar as respostas dadas pelo seu filho às atividades, mas, de forma alguma, iremos identificá-lo. Usaremos nomes falsos; iremos digitar as respostas para que a letra dele não seja reconhecida. Não daremos a estranhos as informações coletadas no processo, de forma alguma.

DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO: Todos os participantes envolvidos nesta pesquisa são isentos de qualquer tipo de custos.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: A participação de seu filho neste estudo é *voluntária* e ele terá plena e total liberdade de não participar, sem que isso acarrete qualquer prejuízo para ele.

GARANTIA DE SIGILO E PRIVACIDADE: As informações relacionadas ao estudo são confidenciais e qualquer informação divulgada em relatório ou publicação será feita sob forma codificada (nome fictício), para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que o nome de seu filho não será divulgado sob hipótese alguma.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: Você e seu filho podem fazer todas as perguntas que julgarem necessárias durante e após o estudo.

Diante do exposto eu, _____,
RG nº _____ declaro que fui esclarecido sobre a pesquisa. Autorizo a
participação livre e espontânea de meu filho(a) _____ na

pesquisa em questão. Declaro também não me sentir pressionado de nenhum modo a autorizar a participação de meu filho nessa pesquisa.

Cornélio Procópio, _____ de _____ de 2020.

Responsável pelo menor

Pesquisadora Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UENP Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus Luiz Meneghel de Bandeirantes Fone/Fax: +55 (43) 3542 8010 I Fax: +55 (43) 3542 8056 Rodovia BR-369 Km 54, Vila Maria, CP 261 - CEP 86360-000 Bandeirantes - Paraná – Brasil.

ANEXO II

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ – UENP

Termo de assentimento para criança e adolescente

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Por uma biblioteca viva: uma proposta para o ensino da leitura na biblioteca”, que está sendo desenvolvida por mim que sou aluna do Mestrado Profissional em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Esta pesquisa é parte integrante de uma outra maior, intitulada: “Os gêneros discursivos/textuais como eixo organizador de projetos de intervenção pedagógica para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa” coordenada pela professora Marilúcia dos Santos Domingos Striquer, docente do PPGEN/UENP.

O que pretendemos é conhecer como você lê contos maravilhosos, o quanto você sabe interpretar esses textos, e, em um segundo momento, ajudar você a melhorar ainda mais a sua prática de leitura.

Seus pais permitiram que você participe desta pesquisa. Gostaríamos muito que você participasse, mas deixamos claro que não é obrigatório, é um direito seu querer ou não participar.

Quando terminarmos a pesquisa, iremos publicar os resultados em revistas científicas, eventos acadêmicos, capítulos de livros, repositórios digitais, entre outros meios de divulgação, mas não iremos, de forma alguma, identificar que você é o autor de textos ou de respostas a exercícios. Usaremos nomes fictícios para substituir seu nome e as respostas serão digitadas para que nem sua letra possa ser reconhecida, ou transcreveremos nossas conversas, para que nem sua voz seja identificada. Não daremos a estranhos as informações coletadas de forma alguma.

Caso precise, você pode entrar em contato comigo pelo telefone (43) 9609-7268. Meu nome é Ana Carolina de Souza. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

Eu, _____, recebi uma via deste termo, li e aceito participar da pesquisa “Por uma biblioteca viva: uma proposta para o ensino da leitura na biblioteca”.

Cornélio Procópio, ____ de _____ de 2020.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UENP Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus Luiz Meneghel de Bandeirantes Fone/Fax: +55 (43) 3542 8010 I Fax: +55 (43) 3542 8056 Rodovia BR-369 Km 54, Vila Maria, CP 261 - CEP 86360-000 Bandeirantes - Paraná – Brasil.